



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

FLAVIA MORAES CARTAXO

**IRMÃ NIRVANDA LEITE ROLIM: UMA MULHER DEDICADA À EDUCAÇÃO E
ÀS OBRAS SOCIAIS (1953-1992)**

CAJAZEIRAS-PB

2022

FLAVIA MORAES CARTAXO

**IRMÃ NIRVANDA LEITE ROLIM: UMA MULHER DEDICADA À EDUCAÇÃO E
ÀS OBRAS SOCIAIS (1953-1992)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora Prof.^a Dr.^a. Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS-PB

2022

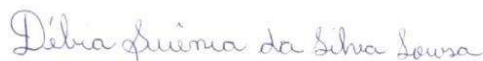
FLAVIA MORAES CARTAXO

**IRMÃ NIRVANDA LEITE ROLIM: UMA MULHER DEDICADA À EDUCAÇÃO E
ÀS OBRAS SOCIAIS (1953-1992)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação (UAE) do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 18/03/2022

BANCA EXAMINADORA



Orientadora- Prof.^a Dr.^a. Débia Suênia da Silva Sousa - UFCG/UAE

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA



Examinadora 1- Prof.^a Dr.^a. Hercília Maria Fernandes - UFCG/UAE

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA



Examinadora 2- Prof.^a Dr.^a. Viviane Guidotti Machado - UFCG/UAE

Examinadora Suplente Prof.^a Dr.^a. Edinaura Almeida de Araújo

C322i Cartaxo, Flavia Moraes.
Irmã Nirvanda Leite Rolim: uma mulher dedicada à educação e às obras sociais (1953-1992) / Flavia Moraes Cartaxo. - Cajazeiras, 2022.
70p.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profª. Dra. Débida Suênia da Silva Sousa.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2022.

1. História da educação. 2. Cajazeiras-PB. 3. Congregação de Santa Doroteia. 4. Irmã Nirvanda. I. Sousa, Débida Suênia da Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37(091)(813.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ser a luz que me ajudou a caminhar nessa jornada.

Aos meus pais, por estarem sempre presentes em todos os momentos da minha vida, dedicados, e sempre externando a confiança que precisei.

A minha tia Josefa por ter sido uma grande incentivadora nos meus estudos.

A todos os professores da Unidade Acadêmica de Educação (UAE), pelos conhecimentos partilhados e construídos juntos.

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em especial ao Centro de Formação de Professores (CFP), por ter sido o meu segundo lar e ter me possibilitado novos desafios que trouxeram aprendizados fundamentais para o meu crescimento intelectual e humano. Outrossim, a UFCG oportunizou as melhores condições possíveis para a minha permanência na graduação, disponibilizando o Programa de Auxílio ao Ensino de Graduação (PAEG). Sem esse auxílio teria sido muito difícil minha permanência no curso de Pedagogia.

À profª Drª Débia Suênia da Silva Sousa pela parceria iniciada quando fui sua aluna e bolsista PIBIC. Também sou grata por sua disponibilidade em orientar este trabalho.

A todos os colaboradores deste trabalho, em especial agradeço a Fátima Leite e Josélia Moreira pela atenção e gentileza que me dedicaram durante a realização deste estudo.

A todos que conheci na graduação e que torceram por mim.

A todos os amigos e familiares, agradeço o incentivo.

Imensa gratidão!

RESUMO

Este trabalho, situado na área de História da Educação, fundamentou-se na abordagem da Nova História Cultural, orientou-se pela pesquisa qualitativa e amparou-se metodologicamente na História oral, privilegiando as fontes orais, associando-as com fontes de outra natureza, para destacar a história da freira e professora cajazeirense Irmã Nirvanda Leite Rolim. Neste sentido, buscou-se compreender a formação educacional e religiosa de Irmã Nirvanda Leite Rolim, a partir de suas práticas educacionais e obras sociais empreendidas na cidade de Cajazeiras-PB. O aporte teórico-metodológico baseia-se nos escritos de Burke (1992), Perrot (2019), Scott (1992), Sousa (2018), Araújo (2020), Bosi (2003), Alberti (2008), entre outros. A pesquisa demonstrou, na dimensão educacional, que as rigorosas regras disciplinares foram evidentes no processo formativo de Irmã Nirvanda, quando aluna do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (CSNL), uma instituição confessional, orientada pelos preceitos da Congregação de Santa Doroteia. Posteriormente Irmã Nirvanda foi professora desta mesma instituição onde assumiu a disciplina Ensino Religioso. A partir das entrevistas com as colaboradoras deste estudo, constatou-se que as temáticas trabalhadas na disciplina Ensino Religioso vinculavam-se aos ensinamentos religiosos católicos, sobretudo aos valores da Congregação de Santa Doroteia. No que diz respeito às obras sociais, no ano de 1981, Irmã Nirvanda fundou o grupo: Jovens Unidos a Santa Paula (JUSP), cujas reuniões ocorriam no CNSL. Neste grupo ela desenvolveu ações direcionadas à juventude e aos pobres. Sendo assim, é possível afirmar que o percurso formativo de Irmã Nirvanda, trilhado no CNSL, deixou marcas em sua formação religiosa e em sua atuação como professora.

Palavras-chave: História da Educação. Formação. Congregação de Santa Doroteia. Irmã Nirvanda.

ABSTRACT

This work, located in the area of History of Education, was based on the approach of the New Cultural History, was guided by qualitative research and was methodologically supported by oral history, privileging oral sources, associating them with sources of another nature, to highlight the story of Sister Nirvanda Leite Rolim, a nun and teacher from Cajazeiras. In this sense, we sought to understand the educational and religious background of Sister Nirvanda Leite Rolim, from her educational practices and social works undertaken in the city of Cajazeiras-PB. The theoretical-methodological contribution is based on the writings of Burke (1992), Perrot (2019), Scott (1992), Sousa (2018), Araújo (2020), Bosi (2003), Alberti (2008), among others. The research showed, in the educational dimension, that the strict disciplinary rules were evident in the formative process of Sister Nirvanda, when she was a student at Colégio Nossa Senhora de Lourdes (CSNL), a confessional institution, guided by the precepts of the Congregation of Santa Doroteia. Later Sister Nirvanda was a teacher at this same institution where she took the Religious Teaching discipline. From the interviews with the collaborators of this study, it was found that the themes worked in the Religious Teaching discipline were linked to Catholic religious teachings, especially to the values of the Congregation of Santa Doroteia. With regard to social works, in 1981, Sister Nirvanda founded the group: Jovens Unidos a Santa Paula (JUSP), whose meetings took place at the CNSL. In this group, she developed actions aimed at youth and the poor. Thus, it is possible to affirm that Sister Nirvanda's formative path, followed at the CNSL, left marks on her religious formation and on her performance as a teacher.

Keywords: History of Education. Background. Congregation of Saint Dorothea. Irmã Nirvanda.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Convite Missa 30° Dia - Mensagem das Doroteias	25
Figura 2- Exame de Admissão	39
Figura 3- Atestado de vacinação antivariola	41
Figura 4- Ficha da 1ª série do Ginásio	42
Figura 5- Histórico Escolar	43
Figura 6- Documento de vínculo empregatício Pis- Dipis	49
Figura 7- Ir. Emília Bezerra de Lima	60
Figura 8- Cartão enviado à Maria de Fátima.....	61
Figura 9- Cartão enviado à Maria Josélia	61
Figura 10- Bilhete enviado à Maria Josélia	62
Figura 11- Lista dos nomes dos integrantes do JUSP.....	63
Figura 12- Continuação lista dos nomes dos integrantes do JUSP	63
Figura 13- Hino do Coral do JUSP	64

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Nirvanda jovem	34
Fotografia 2- O grupo JUSP reunido	37
Fotografia 3- Registros da formação de Irmã Nirvanda	40
Fotografia 4- Registros da formatura do curso normal.....	44
Fotografia 5- Registros da formatura do curso normal	44
Fotografia 6- Votos Perpétuos	47
Fotografia 7- Irmã Nirvanda na companhia dos estudantes	52
Fotografia 8- Irmã Nirvanda participando da festividade em alusão à canonização de Santa Paula Frassinetti	55
Fotografia -9 Irmã Nirvanda acompanhada do grupo JUSP	65

LISTA DE SIGLAS

CNSL	Colégio Nossa Senhora de Lourdes
FAFIC	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras
JUSP	Jovens Unidos a Santa Paula
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 A ESCRITA DA HISTÓRIA A PARTIR DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL	16
2.2 O PAPEL DAS MULHERES NA HISTÓRIA	18
2.3 MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	21
2.4 COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES: INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL.....	22
3. METODOLOGIA	26
3.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	26
3.2 PESQUISA BIOGRÁFICA.....	26
3.3 HISTÓRIA ORAL.....	28
4. VIDA FAMILIAR DE IRMÃ NIRVANDA LEITE ROLIM	34
5. PERCURSO FORMATIVO: A DESCOBERTA DE UMA VOCAÇÃO	39
6. PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO (EDUCAÇÃO DA FÉ)	49
7. JOVENS UNIDOS A SANTA PAULA (JUSP): SOB COORDENAÇÃO DE IRMÃ NIRVANDA LEITE ROLIM	54
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68

1. INTRODUÇÃO

O estudo desenvolvido situa-se na área de História da Educação, onde as pesquisas vêm crescendo significativamente, sobretudo, na pós-graduação e na graduação. Nessa perspectiva, tem-se atualmente uma abrangência de temas pertinentes, entre muitos, destacam-se: a história das professoras, das instituições de ensino, dos livros didáticos etc. (LOPES; GALVÃO, 2001).

Nesse sentido, trazer à tona a história dos sujeitos que ficaram à margem das narrativas oficiais corrobora com o que afirma Burke (1992), que toda vida humana possui uma história. De fato, sobretudo através da Nova História Cultural, passaram a fazer parte do cenário da História da Educação temáticas anteriormente desprestigiadas nesse campo de estudo. (LOPES; GALVÃO, 2001). Seguindo essa premissa, a História da Educação vem evidenciando o legado de personagens comuns que de alguma forma deixaram sua contribuição para a educação, como a história das mulheres educadoras. Perrot (2019) destaca que durante anos as mulheres estiveram fora das narrativas históricas, como se elas não fizessem parte desse passado, uma vez que suas histórias foram, por anos, submetidas à obscuridade. De outro modo, como afirma Scott (1992), as mulheres, insatisfeitas com a invisibilidade histórica a que foram destinadas, passaram a reivindicar uma história das mulheres que evidenciasse sua presença atuante nos acontecimentos históricos. Assim sendo, o campo da História da Educação vem delineando novas temáticas, novas abordagens teóricas e metodológicas para visibilizar novos sujeitos.

O interesse nesse campo de estudo inicialmente surgiu na disciplina História da Educação II, a qual possibilitou um primeiro contato com fontes, a exemplo de: fontes documentais, iconográficas, orais, livros didáticos etc. Diante disso, percebi que a História da Educação é uma área repleta de possibilidades para pesquisas.

Ser pesquisador (a) não é uma das tarefas mais fáceis na vida acadêmica, sobretudo, para os graduandos que são iniciantes nesse cenário. Nas disciplinas Pesquisa em Educação I e Pesquisa em Educação II, compreendi que a pesquisa deve estar em consonância com a nossa identidade como estudante, ou seja, devemos escolher temáticas com as quais temos familiaridade, que despertem a nossa curiosidade. Nesse sentido, venho construindo minha identidade acadêmica na Universidade quando bolsista PIBIC, participando dos seguintes projetos de Iniciação Científica: Mulheres escrevem sobre educação, religião e questões afins-Cajazeiras-Paraíba (1926-1931); Nos vestígios das fontes escritas e iconográficas: memórias e

histórias de mulheres que nomeiam as escolas do município de Cajazeiras-PB (1969-1999). Ambos tratam de temáticas relacionadas à área de História da Educação.

Desse modo, a partir das experiências da Iniciação Científica entendi que esses estudos não deveriam findar a cada relatório enviado semestralmente, mas careciam ter um propósito para a minha formação. E o último projeto de que participei: Nos vestígios das fontes escritas e iconográficas: memórias e histórias de mulheres que nomeiam as escolas do município de Cajazeiras-PB (1969-1999), cujo objetivo era revelar por fontes escritas e iconográficas a história das patronesses das escolas municipais de Cajazeiras-PB, foi decisivo para a definição de minha temática de estudo.

Foi a partir desse projeto que conheci a história de Irmã Nirvanda Leite Rolim, acessando uma biografia de três páginas, em sua homenagem em uma das passagens do seu aniversário, escrita por sua amiga no ano de 1989. Fonte estudada no projeto citado. A partir dessa fonte encontrei as informações seguintes sobre Irmã Nirvanda. Era natural de Cachoeira dos Índios (PB), filha de José Leite Rolim e Tertulina Bandeira Leite. Nasceu em 16 de dezembro de 1939, e faleceu em 30 de março de 1992. Irmã Nirvanda estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes (CNSL) durante o período de 1953 a 1960. O ingresso no CNSL contribuiu significativamente para a realização do seu sonho de ser freira, pois lá conviveu com as Irmãs Doroteias que na época administravam a referida instituição. De fato, ela tornou-se freira Doroteia, professando seus votos perpétuos no convento da Conceição em Olinda – PE. Após realizado o sonho de ser freira, em 1984 ela concluiu o curso de Licenciatura Plena em História, pela UFPB, Campus V- Cajazeiras.

A passagem de Irmã Nirvanda no CNSL não foi apenas como estudante, anos depois tornou-se professora do Colégio, lecionando a disciplina Ensino Religioso. Além das atividades como professora, Irmã Nirvanda criou em 1981 o grupo Jovens Unidos a Santa Paula (JUSP), cuja finalidade era ajudar as pessoas pobres de Cajazeiras- PB, como também orientar os jovens integrantes do grupo na descoberta da sua vocação profissional. Alguns anos após sua morte, mais especificamente no ano de 1999, ela tornou-se patronessa da escola municipal: E.M.E.I.E.F Irmã Nirvanda Leite Rolim, sob a gestão do prefeito Epitácio Leite Rolim, irmão da patronessa.

Após traçada essa breve apresentação da história de Irmã Nirvanda, é fundamental apresentar os lugares, os cenários em que ela viveu, estudou, trabalhou e desenvolveu suas obras sociais. De fato: “O próprio objeto que se estuda vai mostrar que só é possível compreendê-lo quando posto em relação com outros objetos, aspectos, fenômenos, que caracterizavam aquela mesma época”. (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 45). Nesse sentido, para

a compreensão da trajetória do sujeito pesquisado, é necessário conhecermos os cenários, o contexto em que foi construída sua trajetória.

Irmã Nirvanda morou em Cajazeiras, cidade localizada no sertão da Paraíba, que teve como fundadores Vital de Souza Rolim e Ana Francisca de Albuquerque, de cuja união nasceram alguns filhos, tendo um deles se destacado na história da referida cidade: Inácio de Sousa Rolim, nascido em 22 de agosto de 1800, e que viria a se ordenar sacerdote em 1825, em Olinda- PE. Ao retornar a sua terra natal Cajazeiras, improvisou uma casa-escola, para atender os anseios do público local, pois ainda não havia nenhuma instituição desse tipo. No entanto, sua iniciativa ganhou fama e passou a ser conhecida em várias cidades da Paraíba e em outras capitais do Nordeste. Logo, a casa-escola foi ampliada para receber e hospedar estudantes de várias regiões. Assim, foi criado o Colégio Padre Rolim. Por esta iniciativa do Padre Inácio de Sousa Rolim a cidade de Cajazeiras ganhou o título de “terra que ensinou a Paraíba a ler”. (A UNIÃO, 2009).

O CNSL, localizado na cidade de Cajazeiras-PB, foi criado no ano de 1928. A história da referida instituição está ligada à história do Colégio Padre Rolim, que no ano de 1921 passou a ser também uma Escola Normal atendendo ao público masculino e feminino. O bispo Dom Moisés Coelho desejava que a educação feminina fosse dirigida por religiosas, logo, no ano de 1927, chegaram à cidade de Cajazeiras freiras do Instituto de Santa Doroteia. A partir de 1928 a Escola Normal passou a ser administrada pelas Irmãs Doroteias, que a nomearam Colégio Nossa Senhora de Lourdes em homenagem à santa do dia em que chegaram à cidade, consagrado a Nossa Senhora de Lourdes. No entanto, somente em 1949 a instituição tornou-se oficialmente “Colégio Nossa Senhora de Lourdes”, denominação que permanece até os dias atuais. (SOUSA, 2018).

A partir dessa breve apresentação da história de Irmã Nirvanda Leite Rolim, da história da cidade em que viveu, e do que Colégio em que estudou e trabalhou tem-se como questão norteadora do estudo: Como se deram a formação educacional e a religiosa de Irmã Nirvanda Leite Rolim, e de que forma influenciaram suas práticas educacionais e obras sociais? E como objetivo geral: Compreender a formação educacional e religiosa de Irmã Nirvanda Leite Rolim, a partir de suas práticas educacionais e obras sociais empreendidas na cidade de Cajazeiras-PB. Em vista disso, tem-se os seguintes objetivos específicos: Conhecer o cenário educativo em que Irmã Nirvanda Leite Rolim estudou, e atuou como professora; Investigar a trajetória familiar e religiosa de Irmã Nirvanda Leite Rolim; Identificar as possíveis motivações que levaram Irmã Nirvanda Leite Rolim a criar o grupo JUSP, e a opção pelos jovens como participantes das suas atividades sociais.

O recorte temporal foi delimitado a partir das fontes disponíveis, como também está em consonância com o ingresso de Irmã Nirvanda no CNSL, e com a data do seu falecimento. No ano de 1953, foi aprovada no exame de admissão e tornou-se aluna do referido Colégio, a partir disso, conviveu com os ensinamentos da Congregação das Irmãs Doroteias, que passaram a conduzir sua formação educacional e religiosa. Em 1992 Irmã Nirvanda faleceu, ocasionando o encerramento de seus projetos, uma vez que os jovens do grupo JUSP não tiveram condições para continuar sem sua coordenadora.

Este trabalho de conclusão de curso situa-se no campo da História da Educação, somando-se a outros que já foram desenvolvidos sobre professoras no estado da Paraíba e no Brasil. Não é uma pesquisa totalmente inédita, pois já apresentei em coautoria o artigo intitulado: A memória feminina presente nas fachadas das escolas municipais de Cajazeiras-PB (1969-1999), (SOUSA; CARTAXO; FERREIRA, 2020), elaborado e publicado quando fui bolsista PIBIC. Na ocasião foi exposta em poucas páginas a história de Irmã Nirvanda Leite Rolim, deixando em aberto novas possibilidades de pesquisa. Deste modo, este trabalho de conclusão de curso aprofunda a temática estudada na Iniciação Científica, trazendo aspectos novos que ainda não haviam sido apresentados a público.

Portanto, a pesquisa configura-se como sendo uma contribuição significativa para a área de História da Educação, uma vez que põe em evidência o legado de uma professora freira que se destacou no cenário educacional cajazeirense por suas práticas como professora do CNSL, aliadas às obras sociais por ela desenvolvidas. Além disso, traz subsídios para a História da Educação de Cajazeiras, sobretudo, para a história das mulheres professoras desta cidade, pois ainda são poucas as pesquisas desenvolvidas sobre as memórias dessas mulheres.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A ESCRITA DA HISTÓRIA A PARTIR DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL

A escrita da História que conhecemos atualmente passou por profundas modificações ou até poderíamos afirmar revoluções. Inicialmente a História, assim como outras áreas do conhecimento, estava alicerçada em concepções que não deixavam espaço para novas perguntas, dúvidas, hipóteses, que levassem a novas formulações do conhecimento científico. De acordo com Pesavento (2012), esses paradigmas apregoavam a ideia de que já existia uma única e plausível explicação para todos os fatos, inibindo nos pesquisadores o desejo da curiosidade e a busca por novas descobertas.

O materialismo histórico era uma das correntes paradigmáticas que norteavam a escrita da História. Os seus modelos eram consolidados como completos e coerentes, logo, conseguiriam produzir explicações para todos os fatos. Contudo, a crise paradigmática afetou, sobretudo, as teorias marxistas. O fracasso das nações que adotaram essa corrente ideológica como guia política, a queda do muro de Berlim, foram momentos significativos que consolidaram a ruptura. (PESAVENTO, 2012).

A fixação dos princípios do materialismo histórico em uma espécie de modelo completo e fechado, para a análise da realidade a sensação intelectual de que tudo já estava explicado, basicamente em termos de dominação e resistência, levaram muitos intelectuais alguns deles marxistas, como citado Thompson, a afastarem-se de uma matriz teórica muito rígida e a se voltarem para outras questões e temas, que demandavam novos referenciais de análise. (PESAVENTO, 2012, p. 3).

De fato, essa crise paradigmática trouxe novas roupagens para a ciência e em especial para a escrita da História. Oportunizou novas possibilidades de investigações históricas, abrindo caminhos para novos temas, novas fontes, novas metodologias e a entrada de novos personagens na cena historiográfica.

De uma forma sagaz, a autora supracitada remonta essas novas nuances que a escrita da História adquiriu como sendo uma estratégia criada propositalmente por Clio, a deusa da História, esta, não somente narrava os acontecimentos, mas também com o seu estilete da escrita deixava registradas as narrativas. Seja através da interferência dos deuses ou das rupturas paradigmáticas, o fato é que: “A História está em alta, sim, e isso se deve, em grande parte, as suas novas tendências de abordagem do real passado”. (PESAVENTO, 2012, p. 3).

Então, passa a ter destaque na ciência uma Nova História ou Nova História Cultural possibilitando novas leituras e interpretações do passado. “O olhar de Clio mudou e voltou-se para outras questões e problemas, para outros campos e temas”. (PESAVENTO, 2012, p. 3).

De fato, a escrita da História necessitou romper com velhos paradigmas para evidenciar novas concepções. Abandonando uma historiografia que apenas valorizava a política, a história dos grandes homens da sociedade, sendo estes: estadistas, eclesiásticos, enquanto isso os demais membros da sociedade ficavam à margem da historiografia oficial. (BURKE, 1992).

Paralelamente, a Nova História Cultural “[...] começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. ‘Tudo tem uma história’[...]”. (BURKE, 1992, p. 11). Desse modo, começaram a ter evidência nas narrativas históricas os negros, os pobres; no que se refere à História da Educação, a historiografia deslocou o seu interesse investigativo para as histórias daqueles (as) que constituíam as faces da educação no cotidiano, como os/as professores/as; as instituições de ensino, os materiais didáticos etc.

Nesse sentido, quando a historiografia passou a trazer à tona as histórias dos sujeitos que ficaram de fora das narrativas oficiais, foi necessário sobremaneira estreitar novos métodos, novas abordagens, ampliando, conseqüentemente, a percepção de fontes.

[...] segundo o paradigma tradicional, a história deveria ser baseada em documentos e sua ênfase na necessidade de basear a história escrita em registros oficiais, emanados do governo e preservados em arquivos. O preço dessa contribuição foi a negligência de outros tipos de evidência. Os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial. Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fonte. (BURKE, 1992, p.11).

Partilhamos da compreensão de Burke (1992) quando afirma que as fontes oficiais somente apresentam os pontos de vista oficial, dessa forma, para revelar as vivências das classes populares, dos anônimos, é necessário lançar mão de novas fontes, a exemplo de: fotografias, cartas, bilhetes, cadernos, fontes orais, etc.

Diante das novas perspectivas da Nova História Cultural, é preciso evidenciar que a escrita das narrativas históricas passou por mudanças: “os historiadores tradicionais pensam na História como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a Nova História está mais preocupada com a análise das estruturas”. (BURKE, 1992, p.12). De fato, as narrativas tradicionais apenas narravam os grandes acontecimentos, não considerando o contexto em que era ocorrido, já a Nova História fundamenta as narrativas analisando o

contexto em que os sujeitos estavam inseridos, pois as estruturas sociais interferem na vida e nas escolhas dos sujeitos e das instituições.

Portanto, a Nova História Cultural possibilitou uma revolução na escrita historiográfica, trazendo à tona histórias de sujeitos que ficaram à margem da História oficial. Para esse intento foi necessária a ampliação de métodos e abordagens. Surgindo investigações históricas a partir de fontes: indiciárias, iconográficas, da História Oral. Outras investigações se debruçam sobre fontes documentais de arquivos privados; outras recorrem aos arquivos públicos, como das bibliotecas e das escolas. Dessa vasta possibilidade de fontes, podem ser produzidas também pesquisas biográficas e de reconstituição da história de instituições de ensino.

2.2 O PAPEL DAS MULHERES NA HISTÓRIA

É nesse novo cenário de transformações da escrita da história, suscitado pela Nova História Cultural, que entrou em evidência a história das mulheres. Um dos fatores que também contribuíram para a inserção das mulheres nas narrativas históricas foi o movimento feminista: “quando as ativistas feministas reivindicam uma história que estabelecesse heroínas, provas de atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação”. (SCOTT, 1992, p. 64).

De fato, as pioneiras feministas reivindicavam por uma história das mulheres que demonstrasse novas nuances da vida feminina, ou seja, opondo-se às narrativas convencionais que sempre retratavam as mulheres como sujeitos passivos. Nesse sentido, as novas narrativas sobre mulheres apresentaram histórias de mulheres que, mesmo diante de uma sociedade patriarcal e machista, conseguiram sobressair-se como profissionais, ou como cidadãs de uma nação.

Durante anos as histórias das mulheres ficaram no anonimato da historiografia “[...] como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal”. (PERROT, 2019, p.16). De acordo com a autora citada, o silenciamento da história das mulheres, reproduzia a ideia de que as mulheres não vivenciaram os acontecimentos históricos. Todavia, sabemos que elas também deixaram o seu legado, e os recentes estudos baseados na Nova História comprovam esse protagonismo feminino.

No entanto, vale ressaltar que existiram muitas concepções que contribuíram para o silenciamento da história das mulheres, considerando-as seres inferiores aos homens, logo, não seriam sujeitos a figurar nas narrativas históricas.

Vejamos Aristóteles ou o pensador da dualidade dos gêneros. De todos os filósofos gregos, e diferentemente de Platão, é ele quem estabelece de maneira mais radical a superioridade masculina. [...] As mulheres não são apenas diferentes: modelagem inacabada, homem incompleto, falta-lhes alguma coisa, são defeituosas. [...] Ela é passiva e ele, ativo. O homem é criador, por seu sopro, o *pneuma*, e por sua semente. [...] O pensamento de Aristóteles modela por muito tempo o pensamento da diferença entre os sexos, [...]. (PERROT, 2019, p. 23).

Conforme a visão do filósofo Aristóteles, a mulher era um ser humano inferior ao homem, considerada passiva, incompleta; já o homem era tido como criador e ativo. E por muitos anos essa foi a concepção que a sociedade manteve das mulheres, considerando-as “homens incompletos”. Então, inseridas numa sociedade que partilhava essa visão, inevitavelmente as mulheres foram deixadas à margem da História.

Nesse prisma, sendo as mulheres consideradas seres incompletos, logo, o acesso ao saber fora-lhes vedado por muitos anos. Havia vários argumentos que justificavam tal premissa. Perrot (2019) cita alguns destes defendidos por um político de extrema-esquerda.

[...] ‘Considerando que a intenção da boa e sábia natureza foi de que as mulheres, exclusivamente ocupadas com as tarefas domésticas, se sentissem honradas de segurar em suas mãos não um livro ou uma pena, mas uma roca ou um fuso. [...] Que as mulheres que se gabam de saber ler e escrever não são aquelas que melhor sabem amar. [...] Que há escândalo e discórdia num lar quando a mulher sabe tanto ou mais do que seu marido’ etc. ‘Quer a razão que as mulheres não metam jamais o nariz num livro, jamais a mão numa pena [...]. Para o homem, as produções do gênio. Para a mulher, os sentimentos do coração. (PERROT, 2019, p. 92).

Desse modo, uma visão amparada por aspectos biológicos que reforçavam a inferioridade das mulheres, aliava-se a concepções de uma sociedade patriarcal e machista que designava como únicas atribuições femininas os cuidados com o lar, os cuidados com os filhos, e as atividades de costura. O contato com os livros era tido como incompatível para os comportamentos femininos. Para elas o saber não era considerado necessário, visto que, suas atividades eram restritas à vida privada.

Entretanto, ao decorrer dos anos essas convicções alteraram-se e as próprias mulheres foram responsáveis por essa mudança. Através dos movimentos feministas, lutaram pelo acesso ao saber, ao mercado de trabalho, e à igualdade de direitos. De fato: “O direito ao saber, não somente à educação, mas à instrução, é certamente a mais antiga, a mais constante das reivindicações. Porque ele comanda tudo: a emancipação, a promoção, o trabalho, a

criação, o prazer”. (PERROT, 2019, p. 159). Assim, as mulheres entenderam que para ter espaço na vida pública como profissionais, era necessário o acesso à educação. Dessa forma, elas poderiam também desempenhar outras funções além daquelas vistas como essencialmente femininas.

Nesse sentido, diante das mudanças que ocorreram na vida das mulheres, foi imprescindível que a forma como a história das mulheres era escrita passasse por reformulações; assim, elas passaram também a figurar como sujeitos protagonistas da História. Ou seja, suas experiências pessoais e profissionais têm-se tornado objetos de estudo da historiografia. De fato:

A maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história. Tem tomado como axiomática a idéia de que o ser humano universal poderia incluir as mulheres e proporcionar evidência e interpretações sobre as várias ações e experiências das mulheres no passado. (SCOTT, 1992, p. 77).

Nessa perspectiva, a pesquisa ora exposta voltou-se para a área de História da Educação, evidenciando a história de Irmã Nirvanda Leite Rolim, que foi uma freira Doroteia, e professora. Sua trajetória de vida está situada na cidade de Cajazeiras-PB, local onde realizou os seus estudos, mais especificamente no Colégio Nossa Senhora de Lourdes durante os anos de 1953 a 1960. Posteriormente tornou-se professora da referida instituição, lecionando a disciplina Ensino Religioso. Além do exercício no magistério, a Irmã destacou-se por suas obras sociais, voltadas para as pessoas em estado de vulnerabilidade da cidade de Cajazeiras-PB, criando em 1981, para melhor realizar esse trabalho, o grupo JUSP.

Para revelarmos a história de Irmã Nirvanda Leite Rolim, visitamos os lugares em que esta trabalhou, ouvimos pessoas que conviveram com ela, a exemplo de: amigos, familiares, colegas de trabalho, e alunos. Seguindo esse percurso foram encontrados vestígios de suas memórias como: fotografias, documentos, bilhetes, cartas etc.

Percebemos que trazer à tona a história dessa personagem não foi uma tarefa fácil, muitos caminhos foram percorridos, mas o esforço e a dedicação foram válidos, pois, evidenciamos a trajetória de uma professora que deixou o seu legado para a história da educação de Cajazeiras - PB.

De fato, estar envolto a pesquisar e contar a história vivida por alguém, não é tarefa das mais fáceis. Ainda assim, trazer à tona uma personagem não conhecida, ou se já conhecida, apresentá-la por outro olhar, desconstruindo o já posto e estabelecido sobre a mesma, deve representar um pleno estado de satisfação e gozo intelectual-literário [...] uma vez que, o objeto de seu encantamento e ‘mergulho na alma’, agora

poderá ser também apreciado por outras (os), a partir das lentes que usou. (SANTIAGO, 2019, p. 43).

Concordamos com a autora citada, sobretudo, quando afirma que contar a história de vida de um sujeito não é uma tarefa fácil, por isso, exige do pesquisador satisfação e dedicação, durante todo o percurso de desvelamento da história da personagem, uma vez que, a narrativa construída a partir do nosso olhar, e contextualizada com o tempo e os espaços vivenciados pela personagem, vai passar a ser conhecida por outras pessoas, e inclusive por estudiosos da área de História da Educação.

Sendo assim, percebe-se que através da Nova História Cultural, e dos movimentos feministas, as mulheres começaram a conquistar o seu espaço na História, assim como na História da Educação. Atualmente existem várias pesquisas sobre mulheres educadoras evidenciando as contribuições destas para a educação.

2.3 MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A memória no senso comum é a capacidade de relembrarmos acontecimentos que vivenciamos no passado, levando-se sempre em consideração os fatos marcantes. No entanto, a memória não consiste apenas nas lembranças; os esquecimentos são partes fundamentais que constituem a memória. (ALMEIDA, 2009). Dessa forma, a memória marcada por suas subjetividades, lembranças, e esquecimentos tem-se tornado campo profícuo para o estudo e compreensão do passado.

O campo de estudo da memória tem sido muito usado no estudo da História, uma vez que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 423).

Nesse sentido, a memória possibilita a rememoração dos acontecimentos do passado, por estímulos do presente, por isso, tem sido entendida como propícia para a investigação dos fatos do passado. “A memória, onde cresce a História, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. (LE GOFF, 1990, p. 478). Todavia, anteriormente, o campo da memória não era considerado válido para o estudo da história e os seus desdobramentos.

A perspectiva que concebe a possibilidade de produção de conhecimento tendo a memória como documentação e considera todo o seu componente imaginário, era impensável no passado, em um tempo que entendia o documento de forma mais estrita, sem alcançar a relatividade e a ficcionalidade promovidas pela memória. Portanto, a História assentada em bases tradicionais não entende a memória como um documento histórico confiável por considerar a possibilidade de distorção dos fatos, uma vez que os narradores são sujeitos mais velhos que comumente acentuam um tom nostálgico às suas lembranças. (ALMEIDA, 2009, p. 214).

Em outras palavras, a História tradicional não vislumbrava a memória como fonte confiável para a rememoração dos acontecimentos do passado, ao invés disso atribuía aos documentos a responsabilidade na garantia da veracidade dos fatos. Além disso, a memória envolvendo subjetividades levaria à distorção dos fatos. O enunciado acima corrobora com a afirmação de Le Goff (1990, p. 472): “E se a memória mais não fosse que um produto da imaginação? Para saber mais sobre o sonho, o homem deve poder confiar cada vez mais na memória, normalmente tão frágil e enganadora”. De fato, a memória envolta por subjetividades não é suficiente para revelar o passado em sua totalidade, como já foi dito anteriormente a memória é composta por lembranças e esquecimentos. Entretanto, isso não inviabiliza seu papel na revelação dos fatos históricos, ao contrário, traz à tona novas faces do passado que o documento não revela.

Portanto, a memória mesmo composta por subjetividades é um campo privilegiado nas pesquisas históricas, em que todas suas nuances são analisadas, ou seja, não somente as lembranças importam para a compreensão dos fatos históricos, mas também os esquecimentos são submetidos à análise e compreensão da História. No que se refere à História da Educação, a memória traz à tona a história dos sujeitos que deram sua contribuição para a educação, e para a sociedade, mas que ficaram na invisibilidade da historiografia tradicional. Nesse ínterim, o estudo realizado em que o sujeito pesquisado é, no caso, a freira e professora Irmã Nirvanda Leite Rolim, contempla também o campo da memória, uma vez que foi necessário ouvir os sujeitos que conheceram e participaram ativamente das ações desenvolvidas por essa professora, ou seja, recorrendo a todas as particularidades que compõem a memória.

2.4 COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES: INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL

A história do CNSL é um símbolo da história da educação cajazeirense, uma vez que, nos primórdios, no prédio da referida instituição funcionava o primeiro colégio da cidade de Cajazeiras-PB. O colégio do Padre Rolim recebia estudantes das várias regiões do Nordeste, fato que contribuiu para que a cidade ganhasse o título de “terra que ensinou a Paraíba a ler”.

No ano de 1928 foi fundado o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, inicialmente destinado ao sexo feminino. De certa forma, era a continuação do projeto educativo do Padre Rolim, pois este também se preocupava com a educação das meninas. Mas, foi através da ação pastoral de Dom Moisés Coelho que a educação da cidade avançou, sendo dada a continuidade da ação educativa iniciada pelo Padre Rolim, sobretudo a educação feminina. Logo, o projeto de educação para as meninas, idealizado pelo Padre Rolim, gradualmente, foi se concretizando.

Dom Moisés queria que a instrução feminina fosse dirigida por freiras. Nesse intento, em 1924 começou a ajustar com as irmãs da congregação de Santa Doroteia que dirigiam o Colégio de Nossa Senhora do Sagrado Coração, em Fortaleza [...]. (SOUSA, 2018, p. 70).

Desse modo, a partir de 1924, Dom Moisés começou a articulação com as Irmãs Doroteias no intuito de entregar-lhes a administração do colégio feminino. Em 1927, algumas Irmãs do Instituto de Santa Doroteia vieram conhecer Cajazeiras, e as dependências do Colégio.

Então, em 11 de fevereiro de 1928, sob o governo de madre Enrichetta Cesari, na Província Brasileira, surgiu mais uma nova casa educacional do Instituto de Santa Doroteia, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes localizado à Rua Ana Albuquerque, nº 22, Cajazeiras, no estado da Paraíba com compartimentos destinados ao curso normal e primário. (SOUSA, 2018, p. 76).

No estudo desenvolvido por Sousa (2018), em que a autora aborda a cultura educacional do CNSL, é possível compreendermos também a escolha do nome da instituição. De acordo com Sousa (2018), as Irmãs que vieram administrar o Colégio eram devotas de Nossa Senhora de Lourdes, e durante o percurso de Fortaleza a Cajazeiras pediram a intervenção da santa para terem êxito nesse novo empreendimento educacional. Diante disso, a instituição foi denominada de Colégio Nossa Senhora de Lourdes, por devoção das Irmãs, como também era uma prática comum das congregações católicas nomear suas instituições em alusão ao santo ou santa do dia. Todavia, somente em 1949 essa denominação passou a ser usada oficialmente, embora antes disso já fosse designado culturalmente por essa nomenclatura.

Assim sendo, compreende-se que o CNSL era um colégio confessional católico que seguia os princípios da Congregação de Santa Doroteia, bem como os princípios da fundadora da congregação, Santa Paula Frassinetti.

Sobre Paula Frassinetti sabe-se que nasceu em Gênova na Itália, no dia 3 de março de 1809, filha de João Batista Frassinetti e Angela Viale. Realizou os seus estudos em casa,

tendo o pai e os irmãos como professores. Era uma mulher inteligente, interessada por Filosofia e Teologia; forte, devota, e sempre determinada a enfrentar os obstáculos da vida. Aos nove anos assume as tarefas domésticas da casa com o falecimento da mãe. Destinada a seguir a vida religiosa, no ano de 1827 vai morar em Quinto com o irmão sacerdote. Nesta cidade Paula Frassinetti criou uma escola para atender as crianças pobres, onde além de alfabetizá-las, também ensinava atividades manuais úteis para o trabalho. Paula Frassinetti não trabalhava sozinha, pois contava com a ajuda de algumas jovens colaboradoras. Em 1834 funda a comunidade religiosa “Filhas de Santa Fé”, posteriormente tornando-se Irmãs de Santa Doroteia. As propostas educativas de Santa Paula Frassinetti avançaram por outros lugares, chegando ao Brasil em 1866. Faleceu em Roma no ano de 1882, aos 73 anos, e em 1984 foi canonizada. (COSTA *et al.*, 2002).

A expansão da Congregação de Santa Doroteia, durante a vida de Paula Frassinetti, deu-se em três países: na Itália, a partir de Quinto (Gênova), Macerata, Ricanati, Nepi, Fabriano e Bolonha, tendo como casa geral da congregação, a cidade de Roma; em Portugal, a partir de Lisboa, Covilhã, Porto, Vila de Conde e Vila Nova de Gaia, e finalmente no Brasil, em Recife e Belém [...]. (SENE, 2007, p. 53)

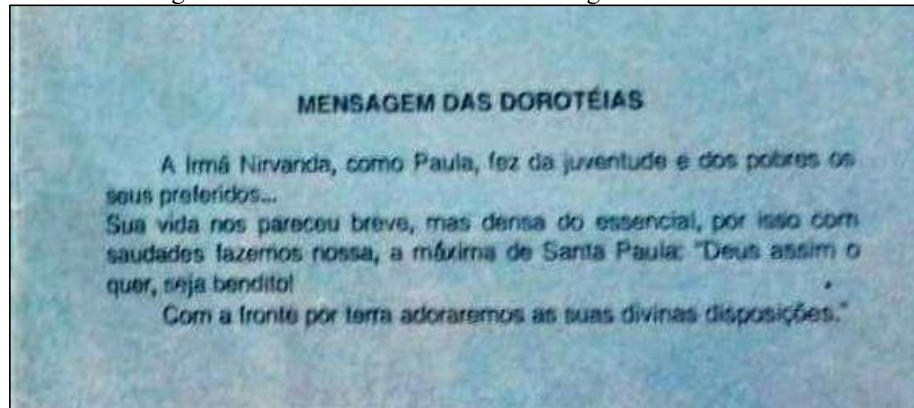
Santa Paula Frassinetti procurou disseminar para as suas colaboradoras as virtudes e princípios imprescindíveis para a atuação das mestras. A exemplo de algumas virtudes como: **Diálogo:** Respeitar o próximo diante das suas diversidades e singularidades; **Testemunho:** A educadora deve ser um exemplo real daquilo que afirma e acredita, ou seja, as mestras precisam ser coerentes com seus discursos e práticas; **Humildade:** Reconhecer suas imperfeições para depois melhorá-las. Estar dispostas a aprender com os outros; **Amorosidade e Paixão:** Afetividade com os educandos, tratando-os sempre com responsabilidade e sensibilidade, para que percebam que são importantes; **Coragem:** As mestras deveriam ser fortes e corajosas para enfrentar as adversidades. (COSTA *et al.*, 2002).

A congregação das Irmãs Doroteias ficou na administração do Colégio Nossa Senhora de Lourdes entre os anos de 1928 a 1983. (SOUSA, 2018). Durante esse período Irmã Nirvanda foi aluna do colégio, entre os anos de 1953 e 1960. Além disso, Irmã Nirvanda trabalhou como professora no referido colégio ainda sob a administração das Irmãs Doroteias, conforme fontes documentais encontradas nos arquivos do Colégio citado.

Considerando os ensinamentos deixados por Santa Paula Frassinetti para a formação das mestras, a partir das informações que temos sobre Irmã Nirvanda, percebemos a presença dessas virtudes nas ações praticadas por esta. Em 1953, ela ingressou no CNSL, provavelmente quando passou a conviver com as Irmãs Doroteias e vivenciar a cultura escolar

da instituição, o que influenciou sua formação religiosa, educacional e humana. “[...] onde neste ambiente sadio veio ainda mais a cultivar sua vocação que já vinha do berço”. (JUSP, 1989, p. 2). Assim como Santa Paula Frassinetti, Irmã Nirvanda dedicava aos jovens e aos pobres sua atenção e cuidados. Como podemos observar na figura abaixo, a mensagem deixada pela congregação das Irmãs Doroteia:

Figura 1- Convite Missa 30ºDia - Mensagem das Doroteias



Fonte: Acervo pessoal de Maria Josélia de Figueiredo Moreira (1992).

De fato: “Tanto nas constituições, quanto em outros escritos, toda a ação apostólica e pedagógica deve estar dirigida ao jovem e ao pobre, como destinatário de seus cuidados”. (COSTA *et al.*, 2002, p. 65). Desse modo, inspirada nos ideais de Santa Paula Frassinetti, Irmã Nirvanda durante toda sua vida orientou suas ações seguindo os princípios disseminados pela congregação das Irmãs Doroteias.

Sendo assim, entende-se que o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, sob a administração da congregação das Irmãs Doroteia, exerceu forte influência na formação de Irmã Nirvanda, que era um exemplo de educadora formada segundo os princípios disseminados por Santa Paula Frassinetti, sobretudo, no que se refere à atenção que dedicava à juventude e às pessoas pobres de Cajazeiras-PB.

3. METODOLOGIA

3.1 PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa desenvolvida abordou histórias, memórias, experiências e vivências do passado. Nessa perspectiva, o estudo dialoga com a pesquisa qualitativa, visto que: [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2009, p. 21). De fato, a pesquisa qualitativa abrange as subjetividades, e ao narrar a história de um indivíduo inevitavelmente as subjetividades estão presentes.

O estudo faz uma abordagem histórica subsidiada pela perspectiva da Nova História Cultural, contemplando o recurso teórico-metodológico da pesquisa biográfica, e amparada metodologicamente pela História Oral.

Nos tópicos a seguir serão abordadas algumas considerações teóricas referentes à História Oral e à Pesquisa Biográfica.

3.2 PESQUISA BIOGRÁFICA

No que se refere à pesquisa biográfica, é preciso destacar que o termo biografia é de origem grega, cujo significado remete à escrita de vida de um sujeito. Durante o século XVIII, a escrita biográfica era utilizada para evidenciar a trajetória de vida dos reis, rainhas, santos, heróis, soldados etc. Esses sujeitos eram considerados exemplos de seres humanos a serem seguidos, por suas ações e virtudes praticadas. A partir dos anos de 1980, a pesquisa biográfica passou a adotar novas características trazendo à tona histórias e memórias de sujeitos simples que ficaram fora das narrativas historiográficas oficiais. (XAVIER; FIALHO; VASCONCELOS, 2018).

Na atualidade pode-se observar que essas narrativas têm aumentado, são diversos os personagens notáveis que têm suas vidas registradas em biografias. Os autores geralmente são jornalistas. Os conteúdos dos livros biográficos trazem detalhes ínfimos da vida de personalidades do meio artístico, político, religioso, com o propósito de atender as demandas do mercado desse tipo de literatura.

[...] a maioria das biografias realizadas não parece satisfazer os historiadores, por oscilar entre uma idealização simplista do personagem e falsas polêmicas em torno de pessoas famosas, visando a uma grande vendagem; além disso, muitas se comprazem no anedótico, não no essencial. (BORGES, 2008, p. 212).

Decerto, esse tipo de biografia difere das biografias escritas por historiadores, uma vez que não é do interesse principal do pesquisador o número de vendas, mas a divulgação do conhecimento científico. Os historiadores não buscam polemizar e sim contar a história do sujeito a partir de uma análise ampliada que considera o contexto em que o personagem viveu e como isso influenciou a sua trajetória de vida.

Com base nos pressupostos teóricos citados anteriormente, e no tema investigado, compreende-se que a pesquisa contempla o campo da pesquisa biográfica. Vale ressaltar que: “O recurso teórico-metodológico das pesquisas biográficas não é um fenômeno novo e tem como significado a perpetuação da memória de protagonistas e dos acontecimentos que os envolveram”. (XAVIER; FIALHO; VASCONCELOS, 2018, p. 148). Desta forma, as pesquisas biográficas revelam as histórias, as memórias, as vivências e experiências que envolveram a vida dos sujeitos. Além disso, constitui-se como meio significativo ao proporcionar notoriedade aos sujeitos que se destacaram na educação, mas que suas trajetórias ficaram esquecidas no passado.

Outrossim, este estudo adapta-se à categoria de biografia pura, referenciada por Borges (2008, p. 213) que, ao discorrer sobre essa categoria, afirma: “‘Biografia Pura’: aquela na qual o narrador não conheceu seu objeto de estudo e visa a dar uma imagem completa de sua existência a partir de documentos e testemunhos”. Em outras palavras, nessa categoria o (a) biógrafo (a) não testemunhou os fatos e não conheceu o personagem, então, parte em busca dos que conheceram e conviveram com o sujeito estudado.

Além disso, quando se utiliza a pesquisa biográfica, é preciso lançar mão de variados aportes metodológicos, a exemplo da História Oral. Para revelar as histórias e memórias faz-se necessário ouvir as pessoas que conviveram com o sujeito pesquisado, ou quando possível o próprio sujeito. E a História Oral mostra-se como uma metodologia imprescindível para esse fim.

Assim como toda abordagem teórica e metodológica, a pesquisa biográfica também tem singularidades. De fato:

[...] biografar um sujeito favorece a leitura não apenas de uma individualidade, mas nos leva a adentrar os espaços e tempos em que essa pessoa se constituiu; composição que se faz pluralmente, em convívios, partilhas, embates, diálogos, ações conjuntas. (MACHADO; NUNES; LACET, 2021, p. 20).

Nesse sentido, a biografia não revela apenas a história do sujeito, mas envolve todo o contexto que influenciou suas vivências e experiências.

No sentido do senso comum, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu. (BORGES, 2008, p. 215).

Em vista disso, é necessário, ao contar a história de um sujeito, fazer uma contextualização com a época, os lugares, a sociedade em que a pessoa estava inserida. Embora, trate-se de uma abordagem que evidencie uma individualidade, o coletivo demarca presença.

Portanto, a biografia oportuniza a investigação dos contextos educacionais ao revelar o legado de personagens que deixaram sua contribuição para a História da Educação. Contudo, assim como a história em que novas versões são construídas, a biografia também circunscreve novas versões: “É impossível se esgotar o absoluto do ‘eu’, seja na compreensão da própria vida, seja na daqueles que pesquisamos”. (BORGES, 2008, p. 216). Isto é, a biografia não traz todas as dimensões da vida do sujeito investigado, todavia, abre caminhos para novas investigações e novas versões podem surgir.

3.3 HISTÓRIA ORAL

A História Oral, surgida no século XX, consiste na realização de entrevistas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado. Mais especificamente no ano de 1948 a História Oral deu os primeiros passos, inicialmente utilizada como mecanismo para deixar registrados para as gerações futuras depoimentos de personalidades de destaque na sociedade. Posteriormente, a partir dos anos de 1960, foi direcionada para a coleta e registros de depoimentos de sujeitos comuns. No Brasil essa metodologia começou a ser utilizada no ano de 1975. Com a invenção de novas tecnologias, foram surgindo outras formas de registros, e é nesse contexto que a História Oral passou a ser utilizada como fonte histórica, e as entrevistas subsidiadas pela História Oral são designadas como fontes orais. (ALBERTI, 2008).

A História Oral tem especificidades que precisam ser consideradas. As entrevistas gravadas e transcritas não são suficientes para a compreensão da história; além de transcritas,

as fontes orais precisam ser analisadas. Dessa forma, assim como as demais fontes históricas, as fontes orais também devem ser interpretadas e contextualizadas. (ALBERTI, 2008). São várias as etapas a serem percorridas no uso dessas fontes: gravação da entrevista, transcrição, revisão, análise.

É necessário ressaltar como se constitui o vínculo construído entre entrevistador e entrevistado:

Tanto um como outro têm determinadas ideias sobre seu interlocutor e tentam desencadear determinadas ações: seja fazer que o outro fale sobre sua experiência (o caso do entrevistador), seja fazer que o outro entenda o relato de tal forma que modifique suas próprias convicções na qualidade de pesquisador (o caso do entrevistado). (ALBERTI, 2008, p. 169).

Em outras palavras, a realização das entrevistas consiste em relações de interesses. O pesquisador busca incessantemente ouvir dos entrevistados depoimentos que possam ampliar a sua compreensão do tema estudado, e para isso usa diversas estratégias, transpassando o que foi posto anteriormente no roteiro de entrevista. Já o entrevistado não mede esforços para que o seu depoimento seja inteligível e provoque mudanças nas concepções prévias que o pesquisador tinha antes da realização das entrevistas.

Além disso, durante as entrevistas os pesquisadores podem observar que os entrevistados apresentam comportamentos diferentes diante de um instrumento de gravação. Alguns ficam mais à vontade do que outros. Quem possui mais interação com o público, ou já passou por situações semelhantes, com certeza terá mais disponibilidade e confiança durante o seu depoimento. Diferentemente daqueles que não possuem nenhuma experiência com situações de entrevistas ou não têm muitas habilidades para falar em público. Então, é possível que o entrevistado fique nervoso e até esqueça fatos importantes marcados em sua memória. Por esses e outros fatores o pesquisador pode sentir-se frustrado em relação a alguns depoimentos. A pessoa que se considerava deixar um depoimento significativo, às vezes a sua entrevista contradiz o que o pesquisador esperava, todavia isto não invalida a entrevista, que é tão relevante quanto os demais depoimentos. O depoente almejado pelo pesquisador é aquele ou aquela que revela entusiasmo e, além de narrar suas experiências, traz em sua narrativa uma visão ampliada da situação investigada.

Na realização de entrevistas o pesquisador não deve atuar com improvisos. Diante da seriedade que requer o trabalho com fontes orais, é fundamental a elaboração de um roteiro de entrevista com algumas perguntas previamente elaboradas conforme os objetivos do estudo e com base nas informações encontradas em outras fontes.

Essa preparação dá ao entrevistador segurança no momento de realização da entrevista, pois, ele saberá bem o que e como perguntar, e poderá reconhecer respostas insatisfatórias e identificar “ganchos” relevantes para a formulação de novas perguntas. (ALBERTI, 2008, p. 177).

Segundo o autor supracitado, as perguntas devem ser elaboradas de forma simples sem extensas introduções, e que possibilite ao entrevistado fazer considerações amplas sobre o questionamento. Outrossim, durante a entrevista o pesquisador pode fazer novos questionamentos a partir dos depoimentos, pois, novas dúvidas e curiosidades vão surgindo, o que, de certa forma, não torna a entrevista mecânica.

Nessa perspectiva, optamos pelo formato de entrevista semiestruturada, uma vez que, “[...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. (LÜDKE; ANDRÉ, 2018, p. 40). Ou seja, a entrevista em formato semiestruturado exige um conjunto de perguntas previamente elaboradas, mas permite que o pesquisador entrevistador inclua novas perguntas conforme o desenvolvimento da entrevista.

O uso de fotografias e documentos também são importantes, pois ajuda o entrevistado a trazer novas recordações dos momentos vividos.

Quando se trata do uso da História Oral, é necessário pensarmos sobre a viabilidade dessa metodologia para a realização da pesquisa. Segundo Alberti (2008), é fundamental analisarmos as condições reais do uso dessa metodologia, ou seja, a existência dos possíveis entrevistados.

O primeiro passo é **o contato com o entrevistado**, a fim de consultá-lo sobre a possibilidade de conceder o depoimento. Esse é o momento de explicar-lhe os objetivos da pesquisa e o método de realização de entrevistas. Convém certificar o entrevistado de que sua entrevista é muito importante para o estudo e, se for o caso, informar-lhe que será solicitado a assinar um documento permitindo a utilização da entrevista pelo entrevistador e outros pesquisadores, assim como a possibilidade da divulgação de seu nome quando da publicação da pesquisa. Caso o entrevistado disponha de currículo e de outros documentos úteis para a elaboração do roteiro individual, pode-se solicitar que os ceda para auxiliar na preparação da entrevista. (ALBERTI, 2008, p. 176).

Nesse sentido, foram dados os primeiros passos na busca das fontes orais. A partir das conversas com Maria Josélia de Figueiredo Moreira, amiga de Irmã Nirvanda e integrante do grupo JUSP, foi possível constatar a existência de possíveis entrevistados. A mesma, de certa forma foi a intermediadora da comunicação da pesquisadora com os demais entrevistados, pois aos poucos foi passando os nomes, endereços, e telefones dos futuros colaboradores. Em seguida, iniciamos o contato com essas pessoas, convidando-as para colaboração com o estudo. A primeira entrevista foi realizada no dia 10 de outubro de 2021, na biblioteca da Escola Dom Moisés Coelho, quando quatro colaboradoras foram entrevistadas. Todas as

entrevistadas demonstraram interesse em participarem do estudo, bem como disponibilizaram o acesso a um espaço propício para a realização das entrevistas. A segunda entrevista também foi realizada de forma presencial. A entrevistada recebeu a pesquisadora também em seu local de trabalho, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, mais precisamente em sua sala de trabalho. As entrevistas realizadas no formato presencial seguiram todos os protocolos de prevenção contra a Covid-19: uso de máscaras, álcool em gel, e distanciamento de 1 metro.

As pessoas entrevistadas são familiares de Irmã Nirvanda, algumas alunas, amigas, e integrantes do JUSP, ou seja, pessoas que conheceram e conviveram com Irmã Nirvanda, e participaram das suas práticas educacionais e obras sociais. A escolha desses entrevistados justifica-se pelo fato de não ser possível entrevistar a própria Irmã Nirvanda, uma vez que, esta faleceu há algumas décadas. No quadro a seguir tem-se detalhados os nomes dos entrevistados, a data e local das entrevistas.

Quadro 1- Dados das Entrevistas

Entrevistados	Data da entrevista/ Local
Maria Salete Fernandes Bezerra (integrante do JUSP);	10 de outubro de 2021(Biblioteca da Escola Dom Moisés Coelho)
Severina de Lima Bertoldo (Aluna de Irmã Nirvanda e integrante do JUSP);	10 de outubro de 2021(Biblioteca da Escola Dom Moisés Coelho)
Maria do Socorro Mendes Lopes (Integrante do JUSP);	10 de outubro de 2021(Biblioteca da Escola Dom Moisés Coelho)
Maria de Fátima Leite Rolim (Sobrinha de Irmã Nirvanda);	10 de outubro de 2021(Biblioteca da Escola Dom Moisés Coelho)
Maria Fátima Bezerra Oliveira (Integrante do JUSP);	08 de novembro de 2021 (FAFIC, sala de trabalho da entrevistada)
Maria Josélia de Figueiredo Moreira (Integrante do JUSP);	08 de novembro de 2021(não presencial)
Mércia Maria Alves Santos (Aluna de Irmã Nirvanda)	30 de outubro de 2021 (não presencial)
Sales Fernandes (Integrante do JUSP)	01 de dezembro de 2021(não presencial)

Maria do Socorro Lopes Sousa (Aluna de Irmã Nirvanda)	04 de dezembro de 2021(não presencial)
---	--

Fonte: autora (2021)

Como podemos observar no Quadro 1 tem-se um número significativo de entrevistados, contabilizando nove entrevistas realizadas. Em “Pesquisas que adotam a História Oral como metodologia principal de trabalho, tomando a produção de entrevistas e sua análise como investimento privilegiado” [...] (ALBERTI, 2008, p. 173), torna-se fundamental realizar várias entrevistas, tornando possível a comparação, recorrência, e contraposição dos depoimentos. Isto não quer dizer que outras fontes não tenham importância, pois, podem reafirmar ou apontar novas versões. Neste estudo foi fundamental o uso das fontes documentais e iconográficas, pois permitiu o entrecruzamento com as fontes orais e o enriquecimento das discussões abordadas.

Além das fontes orais têm-se documentos, fotografias, cartões, bilhetes, fontes que foram úteis na complementação de informações. Alguns documentos foram disponibilizados no CNSL, como exame de admissão, histórico escolar, cartão de vacina. Outros como fotografias, cartões, bilhetes foram disponibilizados pelas colaboradoras.

Considerando o contexto atual de isolamento social em decorrência da pandemia do Covid-19 e o fato de alguns entrevistados residirem em cidades distantes, é importante esclarecer que algumas entrevistas acontecerem mediadas por ferramentas digitais.

O uso de recursos digitais na mediação de entrevistas faz parte da Netnografia, que possibilita o uso das ferramentas digitais na coleta de dados para fins de pesquisa. (KOZINETS, 2014).

Segundo Kozinets (2014), as entrevistas *online* diferenciam-se da entrevista presencial, pelo fato de serem mediadas por recursos tecnológicos, limitando a interação face a face entre entrevistador e entrevistado. No entanto, as novas tecnologias atuais permitem maior interação, pois, além dos áudios, há também recursos visuais, permitindo uma aproximação dos sujeitos envolvidos na entrevista. Além disso, é preciso evidenciar que:

Entrevistas online têm muito em comum com entrevistas em geral. Elas envolvem abordar formalmente um participante, sugerir uma entrevista e conduzir uma conversa a partir do enquadramento de uma entrevista, onde a função do pesquisador é basicamente a de fazer perguntas. (KOZINETS, 2014, p. 106).

Em outras palavras, as entrevistas mediadas por recursos tecnológicos têm especificidades semelhantes às de uma entrevista presencial, mas é necessário ponderar a disponibilidade e habilidade dos possíveis entrevistados com o uso das tecnologias.

A partir dos aportes teóricos e metodológicos previamente definidos, é necessário salientar que o desenvolvimento deste trabalho situa-se em um contexto atípico na rotina acadêmica: estávamos em isolamento social, distantes da universidade, das bibliotecas e de outros espaços de estudos, então, algumas adaptações foram necessárias.

4. VIDA FAMILIAR DE IRMÃ NIRVANDA LEITE ROLIM

Nirvanda Leite Rolim nasceu em 16 de dezembro de 1939, no Sítio Boa Fé, à época comarca de Cajazeiras – PB, atualmente pertencente ao município de Cachoeira dos Índios-PB. Seus pais, José Leite Rolim e Tertulina Bandeira Leite, tiveram nove filhos, dois homens e sete mulheres, sendo Irmã Nirvanda a nona filha do casal.

Maria de Fátima Leite Rolim, sobrinha e afilhada de Irmã Nirvanda, em entrevista realizada no dia 10 de outubro de 2021, relata brevemente a origem da família e algumas particularidades do núcleo familiar.

Sou sobrinha e afilhada da tia Nirvanda. A família Rolim é de origem francesa, se instalaram no Ceará, do Ceará vieram para Paraíba, mesma origem de Padre Rolim, Leite e Bandeira de Cachoeira dos Índios. Eles ficaram no Sítio Boa Fé, município de Cachoeira dos Índios, onde era a fazenda do meu avô. Meus avós receberam esse sítio lá e foram morar, a maioria dos meus tios nasceram lá, meu pai nasceu lá no sítio Boa Fé. Meu avô era fazendeiro comprador de algodão. (MARIA DE FÁTIMA LEITE ROLIM, 10/10/2021).

A família de Irmã Nirvanda era uma família abastada, o algodão era o produto que o seu pai negociava. Na época em que Irmã Nirvanda ainda era criança, o estado da Paraíba estava num período de desenvolvimento com a expansão das ferrovias, as usinas de açúcar, a cultura do algodão. Essas inovações adentraram a Paraíba, contribuindo para a urbanização de algumas cidades do sertão paraibano. (MELO, 1993, apud SOUSA, 2018).

Fotografia 1- Nirvanda jovem



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Leite Rolim [196-].

Na fotografia acima tem-se um registro de Irmã Nirvanda ainda na juventude. Podemos observar que usava penteado e uma vestimenta elegante e discreta, possivelmente tenha sido em ocasião de uma festa. Conforme depoimento da sobrinha, quando era jovem Irmã Nirvanda frequentava algumas festas na companhia das suas irmãs: “Ela frequentava as festas da sociedade com minhas tias, para as festas do tênis clube você se arrumava com grandes vestidos, maquiagens, as roupas e maquiagens dela era sempre muito discretas”. (MARIA DE FÁTIMA LEITE ROLIM, 10/10/2021).

A respeito da educação de Irmã Nirvanda, a colaboradora destaca os primeiros passos da sua formação realizados no ambiente familiar.

Primeiramente tia Nirvanda estudou com o professor João Roque, ele era do sítio Baixa Grande, ia para o sítio Boa Fé ensinar os filhos do meu avô. Antigamente se permitia isso. Depois meu avô comprou um sítio na picada próximo a Cajazeiras, trouxe os filhos para Cajazeiras, aí eles vinham a pé para estudar. Depois elas vieram para cá estudar em uma escola pública, depois foram para o CNSL, os homens foram para o Salesiano, e as sete mulheres para o CNSL. (MARIA DE FÁTIMA LEITE ROLIM, 10/10/2021).

A partir dessas informações entendemos que inicialmente Irmã Nirvanda teve como professor um mestre escola. A atuação desses mestres escolas, mestres de varanda, ou mestre ambulante foi mais recorrente durante o império, em decorrência da baixa quantidade de professores, e poucas pessoas letradas. (SOUSA, 2016). Todavia, essas práticas continuaram no Nordeste até meados do século XX:

Para Costa Filho (2006), quando os filhos dos fazendeiros estavam em idade de ser alfabetizados, o pai contratava um professor, um mestre ambulante, que ministrava aulas na própria fazenda. Após a alfabetização, passavam a residir em outra cidade para continuarem os estudos. (COSTA FILHO, 2006, apud SOUSA, 2016, p. 97).

Do mesmo modo, essa forma de conduzir a educação dos filhos foi semelhante na família de Irmã Nirvanda. O fazendeiro José Leite Rolim contratou o mestre escola João Roque, para ensinar os seus filhos no ambiente doméstico. Possivelmente, nesse período os filhos ainda eram crianças, então a família não achou seguro enviá-los para a cidade de Cajazeiras-PB onde já estavam instaladas conceituadas instituições de ensino que recebiam estudantes das cidades vizinhas, e até de outros estados. Quando os meninos e meninas foram crescendo, o senhor José Leite Rolim e a senhora Tertulina Bandeira Leite perceberam que era necessário encaminhar seus filhos para outras cidades. Foram matriculados primeiramente em uma escola pública, não identificada pela entrevistada. Posteriormente as

mulheres foram matriculadas no CNSL e os homens no Colégio Salesiano. As condições financeiras da família favoreciam o notório cuidado com a educação dos filhos, oportunizando, inicialmente, a presença de um professor para ensinar os filhos em casa, e posteriormente foram matriculados em instituições de ensino acessadas apenas pelos filhos das famílias abastadas. No ano de 1953 Irmã Nirvanda ingressou no CNSL. Ser aluna da referida instituição de ensino, sobretudo naquela época, deixava evidente a classe social a que pertencia a estudante; em sua maioria eram jovens oriundas de famílias das camadas mais favorecidas da cidade de Cajazeiras, e de outras cidades vizinhas. (ARAÚJO, 2020).

Assim, o ingresso de Irmã Nirvanda no CNSL mudou sua vida de tal maneira que a convivência com as Irmãs Doroteias, com as regras e princípios da congregação, reforçou o seu desejo de seguir a vida religiosa. Como descrito por sua sobrinha:

Ela decidiu seguir a vida religiosa desde sempre, com aquele ideal de Paula que ela tinha em mente, ela cantava os hinos de Paula, ela cantava com ênfase, com corpo e alma. A oração dela era orar e ação. E as músicas também de Paula. Ela tinha uma radiola imensa na casa da minha avó, lembro na minha infância dos discos dela, eram mais religiosos, discos das Doroteias, ela tinha aquelas músicas de Santa Paula. (MARIA DE FÁTIMA LEITE ROLIM, 10/10/2021).

Irmã Nirvanda abraçou o ideal de Santa Paula Frassinetti e levava para o seu cotidiano familiar os ensinamentos e as músicas que provavelmente lhe foram apresentadas pelas Irmãs da Congregação de Santa Doroteia no CNSL. Um dos ensinamentos fundamentais de Santa Paula Frassinetti é oração e ação e, como foi lembrado pela entrevistada, Irmã Nirvanda trouxe para sua vida esse ensinamento. No dizer de Costa *et al.* (2002), quando Santa Paula Frassinetti afirmava que a oração e ação são inseparáveis, referia-se que a oração não é feita apenas com palavras, mas também com ações, como: a caridade, o cuidado com o próximo, o acolhimento. Realmente Irmã Nirvanda adotou esse ensinamento para sua vida, pois estava sempre em oração, não somente a oração verbalizada, mas, sobremaneira, sua oração também era realizada através da caridade, do amor ao próximo, ao destinar aos pobres e à juventude o seu acolhimento.

A história de Irmã Nirvanda e da fundadora da congregação das Irmãs Doroteias são semelhantes em alguns aspectos. Talvez isso também seja uma das justificativas da devoção por Santa Paula Frassinetti. Quando Irmã Nirvanda comunicou à família sua escolha em seguir a vida religiosa, essa decisão não agradou sua mãe. Conforme relato de sua amiga Maria do Socorro Mendes Lopes, em entrevista realizada no dia 10 de outubro de 2021.

Ela me contou que a mãe dela não queria que ela fosse irmã. Ela sentiu um chamado muito forte no coração, e quando a mãe soube adoeceu, ficou emocionada. E aos poucos a mãe foi aceitando, porque entendeu que ali era um chamado de Deus. (MARIA DO SOCORRO MENDES LOPES, 10/10/2021).

Coincidentemente a história de Santa Paula Frassinetti foi semelhante nesse aspecto. Desde cedo ela tinha o interesse em seguir a vida religiosa, mas seu pai João Batista Frassinetti não concordava com a decisão da filha. No entanto, assim como Irmã Nirvanda, a fundadora da congregação das Irmãs Doroteias conseguiu superar os obstáculos e tornou-se freira no ano de 1838. (SENE, 2007). Sobre vocação, Irmã Nirvanda costumava proferir a seguinte frase: “vocação realizada, felicidade conquistada”. (JUSP, 1989, p. 2). Ela conseguiu realizar sua vocação em 12 de outubro de 1983 no convento da Conceição em Olinda (PE). (SOUSA; CARTAXO; FERREIRA, 2020).

Na cidade de Cajazeiras, Irmã Nirvanda desenvolveu diversas atividades, a exemplo do grupo jovem denominado Jovens Unidos a Santa Paula (JUSP), criado em 20 de maio de 1981. Através desse grupo ela desenvolvia trabalhos sociais, formação religiosa, e auxiliava os jovens na descoberta da vocação profissional. Além disso, foi professora da disciplina Ensino Religioso no CNSL.

Na fotografia abaixo tem-se um registro do grupo JUSP reunido.

Fotografia 2- O grupo JUSP reunido



Fonte: Acervo pessoal de Maria Josélia de Figueiredo Moreira [198-]

A fotografia acima registra uma das reuniões do grupo JUSP. Essas reuniões eram realizadas no CNSL em uma das salas de aulas, como podemos observar na fotografia há um quadro ao fundo. Este registro foi realizado em uma das confraternizações de um dos aniversários de Irmã Nirvanda. Nota-se também que ao centro alguns jovens seguram uma

fotografia de Santa Paula Frassinetti, Irmã Nirvanda está no lado esquerdo da fotografia, de vestido azul.

Sobre a vida familiar de Irmã Nirvanda, compreende-se que esta era de uma família abastada, fato que permitiu a seus pais proporcionarem aos filhos o estudo nos melhores colégios da cidade de Cajazeiras. O ingresso de Irmã Nirvanda no CNSL foi salutar para o seu desenvolvimento como religiosa, como professora, e de certa forma na sua formação humana guiada pelos ensinamentos da Congregação das Irmãs Doroteias que lhe foram apresentados primeiramente no CNSL.

Nos próximos capítulos serão delineadas considerações sobre sua formação educacional, formação religiosa, o seu trabalho como professora do CNSL e as ações desenvolvidas no grupo JUSP.

5. PERCURSO FORMATIVO: A DESCOBERTA DE UMA VOCAÇÃO

Em linhas iniciais evidenciamos que o itinerário formativo de Irmã Nirvanda no CNSL começou em dezembro de 1953, quando prestou o exame de admissão para o ingresso na primeira série ginásial. Como podemos observar na Figura 2.

Figura 2- Exame de Admissão


 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
Ginásio-Escola Nossa Senhora de Lourdes
 Cajazeiras — Estado da Paraíba N.º 27

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO EM EXAMES DE ADMISSÃO
À 1.ª SÉRIE GINÁSIAL

Certificamos que Nirvanda Leite Rohim,
 filha de José Leite Leite
 e de Cecília Bandeira Leite,
 natural de Paraíba, nascida em 16 de dezembro de 1939,
 foi considerada aprovada em exame de admissão à **1.ª Série**
Ginásial, prestado em 1.º de dezembro de 1953,
 nos termos da LEI ORGÂNICA DE ENSINO SECUNDÁRIO (de-
 creto-leis n.ºs 4.244, de 9 de abril de 1942 e 8.347, de 10 de dezem-
 bro de 1945), tendo obtido os seguintes resultados:

Português:	<u>9,2</u>	Matemática:	<u>7,5</u>
Geografia:	<u>9,2</u>	História do Brasil:	<u>9</u>

Média geral em inteiros e seis décimos (8,6)

Cajazeiras, 3 de dezembro de 1953

A DIRETORA _____ O INSPETOR _____
Isento de sêlo, ex-vi do Decreto lei n.º 8.029, de 2/10/1945

Modêlo 1

Fonte: Acervo da Tesouraria do CNSL (1953).

O documento em análise trata-se de um certificado de aprovação no exame de admissão, no qual se localizam algumas informações: nome da estudante, nomes dos pais, naturalidade, data de nascimento. O exame foi realizado nos primeiros dias do mês de dezembro de 1953. As avaliações tinham conteúdo das seguintes disciplinas: Português, Geografia, Matemática e História do Brasil. Como podemos verificar a estudante foi considerada aprovada com média 8,6. Não identificamos dados sobre a pontuação mínima exigida para aprovação.

De acordo com Sousa (2018), o exame de admissão era um instrumento avaliativo exigido para ingresso no CNSL, em conformidade com a legislação educacional brasileira, que determinava o exame de admissão como instrumento de acesso ao ensino secundário. Além do exame de admissão, outros requisitos tinham que ser comprovados para a matrícula e aceitação das estudantes na referida instituição de ensino. Como podemos verificar no

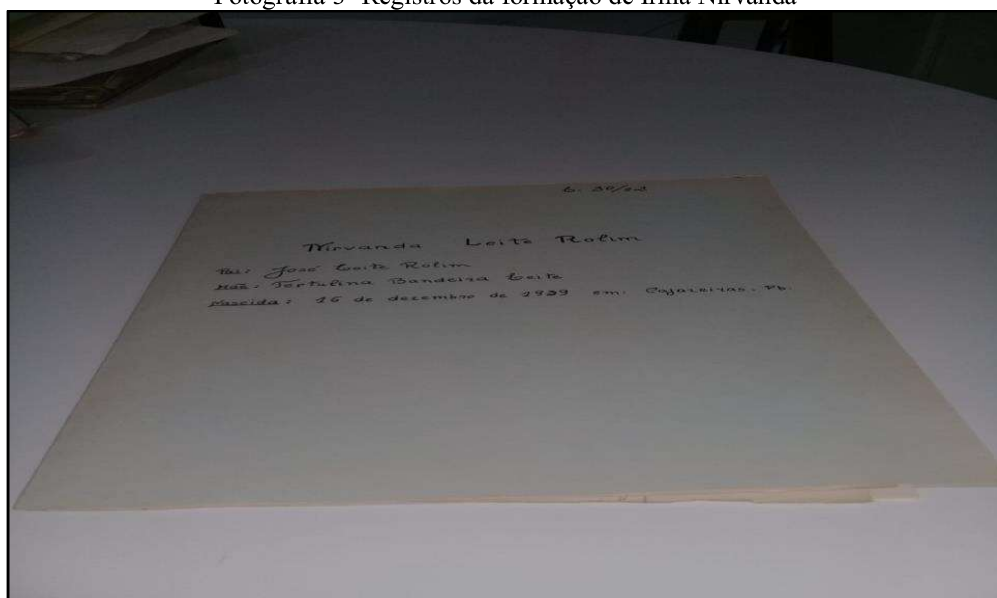
primeiro regimento do Colégio elaborado em 1949, sendo que somente no ano de 1956 foi feito o seu registro oficial. (ARAÚJO, 2020). Esse regimento perdurou em vigência durante 13 anos.

CAPÍTULO II- Da aceitação de qualquer candidata são exigidas: a) registro civil; b) atestado de sanidade geral; c) atestado de vacina anti-varíola; d) certificado de exame de admissão, se candidata a 1º série do ginásio; [...]. (REGIMENTO DO CNSL, 1949, p. 2, apud, ARAÚJO, 2020, p. 227).

Nos arquivos da tesouraria do CNSL, encontramos alguns documentos dentre os citados no regimento, a exemplo do registro civil, certificado do exame de admissão, atestado de exame de vacina antivariola; os demais eram fichas individuais da aluna, e o histórico escolar. Não foi encontrado nenhum documento referente ao atestado de sanidade geral, talvez essa comprovação tenha sido ordenada durante os dois primeiros anos de vigência do regimento. Embora tenha sido uma exigência do CNSL, de certa forma exigir essa comprovação de que as estudantes tinham saúde mental e física, demonstrava um teor preconceituoso. Caso alguma estudante tivesse um problema mental ou de saúde física, quais seriam as providências tomadas pela instituição? A estudante não seria aceita no Colégio? Esses detalhes não foram esclarecidos no regimento de 1949.

Na Fotografia 3 tem-se um registro da pasta de documentos da tesouraria do CNSL com alguns registros da formação educacional de Irmã Nirvanda na instituição. E na Figura 3 consta o atestado de vacinação antivariola.

Fotografia 3- Registros da formação de Irmã Nirvanda



Fonte: Acervo da Tesouraria do CNSL (1953).

Figura 3- Atestado de vacinação antivariola

DEPARTAMENTO DE SAÚDE
ESTADO DA PARAIBA
Serviço de Vacinação Anti-Variólica

Atesto que Nirvanda Leite Rolim
Com 14 anos de idade, de cor branca natural de Capa
Veras residente à sua Bela Juvenis Barreiro
N° 32 foi vacinada no dia 16 de setembro
de 1952 Registrado à pagina 36 do livro N° 1
Paraíba, 17 de setembro de 1953

Mod. 84

Em teste. Esta pessoa deve ser vacinada dentro do primeiro ano do nascimento e feita a vacinação de sete em sete anos.
SÓ TEM VARIOLA QUEM QUER.

Fonte: Acervo da tesouraria do CNSL (1953).

A Figura 3 destaca que a jovem Nirvanda Leite Rolim com 14 anos de idade foi vacinada contra a varíola no dia 16 de setembro de 1952. No verso do atestado de vacinação, podemos notar que o documento foi registrado em cartório. Possivelmente o registro tenha sido mais uma exigência do Colégio.

O CNSL ofertava em sua grade curricular cinco cursos: Curso Infantil, Curso Primário, Curso de Admissão, Curso Ginásial e Curso Normal. A citação abaixo esclarece as finalidades dos referidos cursos.

CAPÍTULO II- Dos cursos. Art. 2º são ministrados cinco cursos: 1º O CURSO INFANTIL para crianças de quatro a seis anos, tem por fim desenvolver-lhes os sentidos e pô-las em contato com o ambiente físico e social; 2º O CURSO PRIMÁRIO compreendendo quatro anos procura realizar a formação completa e harmoniosa da personalidade infantil; 3º O CURSO DE ADMISSÃO de um ano só, prepara ao exame de admissão ao 1º ciclo do curso secundário ou ginásio. 4º O CURSO GINÁSIAL com duração de quatro anos, destina-se a dar elementos fundamentais do ensino secundário. 5º O CURSO NORMAL, de três anos, visa formar professoras primárias. (REGIMENTO DO CNSL, 1949, p. 2, apud, ARAÚJO, 2020, p. 227).

Baseando-se nas fontes encontradas verificamos que Irmã Nirvanda cursou no CNSL os quatro anos do curso ginásial (1º grau), e três anos do curso normal (2º grau). Não foi encontrado nenhum registro do curso infantil e do curso primário. Nesse período Irmã Nirvanda e seus irmãos estudavam em casa com o mestre-escola João Roque. Talvez ela também tenha feito o curso preparatório para o exame de admissão, mas, na Figura 2 não há

nenhuma referência se a aluna fez o curso preparatório, apenas consta sua aprovação. Outrossim, o regimento não elucidou se para a realização do exame, preferencialmente, as alunas deveriam fazer o curso preparatório. Na Figura 4 tem-se um registro da ficha individual do ano letivo de 1954.

Figura 4 - Ficha da 1ª série do Ginásio

Ginásio-Escola Normal Nossa Senhora de Lourdes													
CAIAZEIRAS - PARAIBA													
FICHA INDIVIDUAL DO ANO LETIVO DE 1954 1.º Ciclo													
CURSO <i>Normal</i> TURNO <i>Manhã</i> SÉRIE <i>1ª</i> TURMA <i>Única</i>													
1.ª ÉPOCA													
	Português	Latim	Francês	Inglês	Matem.	Ciências Naturais	História Geral	História do Brasil	Geografia	Trabalhos Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	
ABRIL	7	8	2	+	1,5	+	+	7	9	1	7	10	
MAIO	5	7	9	+	4	+	+	8	8	8,5	6	8	
AGOSTO	5,5	9	9	+	6,5	+	+	10	7	6	7,5	10	
SETEMBRO	4,5	9	5,5	+	6	+	+	9	8	5	6,5	10	
OUTUBRO	6	9	9	+	4	+	+	10	10	10	7	10	
TOTAL	28	42	39,5	+	22	+	+	44	42	39,5	34	45	
NOTA ANUAL	5,6	8,4	7,9	+	4,4	+	+	8,8	8,4	6,1	6,8	9	
PROVAS	1.ª Parcial	7	7	7	+	5,5	+	+	7,5	7,5	8,5	4	9
	2.ª Parcial	5,5	6	9	+	2	+	+	5,5	5	10	9	8
	PROVA FINAL	6	9	9	+	4,5	+	+	9	10	10	10	
MÉDIA POSICIONADA	Nota Anual de Exercícios x 2	11,2	16,8	15,8	+	8,8	+	+	17,9	16,8	22,2	13,6	18
	1.ª Prova Parcial x 2	14	14	14	+	11	+	+	15	15	17	8	18
	2.ª Prova Parcial x 3	16,5	18	27	+	6	+	+	16,5	15	30	27	24
	Prova Final x 3	18	27	27	+	22,5	+	+	27	30	30	30	30
	NOTA FINAL	497	758	858	+	1483	+	+	761	768	897	786	80
TOTAL	65,4												
	NOTA GLOBAL	7,2 7.º Lugar											
	RESULTADO	Aprovada											

Fonte: Acervo da tesouraria do CNSL (1954).

Com base na fonte em análise podemos observar que Irmã Nirvanda cursou na 1ª série as seguintes disciplinas: Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, Ciências Naturais, História Geral, História do Brasil, Geografia, Trabalhos manuais, Desenho, Canto Orfeônico.

A Figura 5 apresenta o histórico escolar de Irmã Nirvanda.

Figura 5- Histórico Escolar

COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES																																															
Praça Ana de Albuquerque, 12 - Tel: 631-1229																																															
Cajazeiras - Paraíba																																															
Nome do aluno <u>Nirvanda Beate Polim</u>																																															
Data e local do nascimento <u>16 de dezembro de 1939 em Cajazeiras-Paraíba</u>																																															
Registro Civil N.º <u>25418</u> Cartório em <u>Cajazeiras</u> Liv. <u>65</u> Folha <u>120 vs</u>																																															
Título N.º _____ Zona _____ Circunscrição _____																																															
Filiação <u>José Beate Polim e de Tertulima Bandeira Beate</u>																																															
HISTÓRICO ESCOLAR	1º GRAU	DISCIPLINAS													Média																																
		<table border="1"> <tr> <th>Portug</th> <th>Lit. Br.</th> <th>Religião</th> <th>Matem</th> <th>Física</th> <th>Químia</th> <th>Biologia</th> <th>Anat. e Fisiol.</th> <th>Educação Física</th> <th>Música</th> <th>Desenho</th> <th>Artes</th> <th>Geografia</th> <th>História</th> </tr> <tr> <td>93</td> <td>-</td> <td>-</td> <td>75</td> <td>-</td> <td>-</td> <td>90</td> <td>83</td> <td>-</td> <td>-</td> <td>-</td> <td>-</td> <td>-</td> <td>-</td> </tr> </table>														Portug	Lit. Br.	Religião	Matem	Física	Químia	Biologia	Anat. e Fisiol.	Educação Física	Música	Desenho	Artes	Geografia	História	93	-	-	75	-	-	90	83	-	-	-	-	-	-				
		Portug	Lit. Br.	Religião	Matem	Física	Químia	Biologia	Anat. e Fisiol.	Educação Física	Música	Desenho	Artes	Geografia		História																															
		93	-	-	75	-	-	90	83	-	-	-	-	-		-																															
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
		Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																													
Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																															
Estabelecimento _____ Local _____ Ano _____																																															
Estabelecimento que expediu o Certificado <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u>																																															
HISTÓRICO ESCOLAR	2º GRAU	DISCIPLINAS													Média																																
		<table border="1"> <tr> <th>Portug e Lit. Br.</th> <th>Religião</th> <th>Matem</th> <th>Física</th> <th>Químia</th> <th>Biologia</th> <th>Anat. e Fisiol.</th> <th>Educação Física</th> <th>Música</th> <th>Desenho</th> <th>Artes</th> <th>Geografia</th> <th>História</th> <th>Psicologia</th> <th>Metodologia</th> <th>Estágio</th> </tr> <tr> <td>53</td> <td>83</td> <td>60</td> <td>60</td> <td>50</td> <td>75</td> <td>83</td> <td>78</td> <td>35</td> <td>73</td> <td>60</td> <td>65</td> <td>61</td> <td>-</td> <td>-</td> <td>-</td> </tr> </table>														Portug e Lit. Br.	Religião	Matem	Física	Químia	Biologia	Anat. e Fisiol.	Educação Física	Música	Desenho	Artes	Geografia	História	Psicologia	Metodologia	Estágio	53	83	60	60	50	75	83	78	35	73	60	65	61	-	-	-
		Portug e Lit. Br.	Religião	Matem	Física	Químia	Biologia	Anat. e Fisiol.	Educação Física	Música	Desenho	Artes	Geografia	História		Psicologia	Metodologia	Estágio																													
		53	83	60	60	50	75	83	78	35	73	60	65	61		-	-	-																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1958</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1959</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																													
		Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																													
Estabelecimento <u>Colégio Nossa Senhora de Lourdes</u> Local <u>Cajazeiras-PB</u> Ano <u>1960</u>																																															
OBSERVAÇÕES: Foi preenchida integralmente a carga horária dos Dedicados. Seu estágio como regente de classe, foi de 4 horas diárias, durante 30 dias.																																															

Fonte: Acervo da Tesouraria do CNSL (1960).

No histórico escolar, estão detalhadas todas as disciplinas e séries cursadas por Irmã Nirvanda durante os sete anos em que foi aluna do CNSL. Durante as três séries do curso normal (2º grau) foram cursadas as seguintes disciplinas: Português e Literatura Brasileira, Religião, Matemática, Física, Química, Biologia, Anatomia e Fisiologia, Educação Física, Música, Desenho, Artes Aplicadas, Geografia da América, História da América, Geografia e História da Paraíba, Filosofia, Sociologia, Psicologia da Educação, Higiene e Puericultura, Metodologia, História da Educação, Prática de Ensino. Além destas disciplinas, Irmã Nirvanda também realizou o Estágio como regente de classe cumprindo a carga horária de quatro horas diárias, durante trinta dias.

Dessa forma, podemos constatar que a grade curricular do CNSL era ampla, desde o regimento de 1949 que promoveu essa formação abrangente. Conseqüentemente, a partir desta mudança na estrutura curricular, aumentou o número de disciplinas ofertadas, como também a permanência das alunas na referida instituição de ensino. Nota-se que o curso normal oferecia uma formação específica para a atuação no magistério, especialmente com as disciplinas: Psicologia da Educação, História da Educação, Prática de ensino e o Estágio. (ARAÚJO, 2020).

Logo, essa reformulação na estrutura curricular exigia mais dedicação e disciplina nos estudos, mas não foi empecilho para a continuidade da formação fundamentada nos princípios religiosos. As estudantes continuaram assiduamente a rotina diária de oração e trabalhos nos grupos da congregação. (ARAÚJO, 2020).

De acordo com o histórico escolar, pode-se constatar que no ano de 1960 Irmã Nirvanda concluiu o curso normal. As fotografias a seguir registram esse momento.

Fotografias 4 e 5 - Registros da formatura do curso normal



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Leite Rolim (1960).

Nas fotografias 4 e 5 vê-se o registro de uma comemoração referente à conclusão do curso normal. A jovem Irmã Nirvanda traja uma beca, vestimenta específica de ocasiões de formaturas. Na fotografia 4, da esquerda, acompanhada de mais quatro estudantes, Irmã Nirvanda é a quarta jovem à esquerda. Na fotografia 5, da direita, Irmã Nirvanda está recebendo do seu tio Vicente Leite um anel de formatura.

Durante o período de 1953 a 1960 em que Irmã Nirvanda foi aluna do CNSL, a referida instituição ainda era destinada somente à educação feminina, apenas em 1971 o Colégio passou também a receber o público masculino. (SOUSA, 2018).

Como já foi mencionado anteriormente, para ingressar como aluna do CNSL tinham que ser cumpridas algumas regras específicas, a começar no ato de matrícula. Entre essas exigências do CNSL, a saber: “[...] a religião católica era exigência para fazer parte do CNSL, fosse na condição de aluna, ou como funcionária. Enquanto alunas tinham que ter conhecimento do catecismo”. (SOUSA, 2018, p. 142). No que tange a esta condição, Irmã Nirvanda não enfrentou dificuldades, pois era católica, e ainda quando criança fez a primeira eucaristia na sua cidade de origem, conseqüentemente possuía também conhecimentos acerca do catecismo. De fato: “No [...] dia comemorativo, a Nossa Senhora da Conceição, na capela

de mesmo nome, na Cidade de Cachoeira dos Índios, fez sua 1ª eucaristia juntamente a uma das suas irmãs”. (JUSP, 1989, p.1). Desse modo, ao ingressar no Colégio Irmã Nirvanda já estava familiarizada com os princípios religiosos católicos, somente foi inserida em um novo contexto religioso formativo, uma vez que lhes foram apresentados os princípios norteadores da congregação de Santa Doroteia.

No âmbito das regras instituídas pelo Colégio, havia também uma preocupação com as formas de se vestir das estudantes. Segundo Sousa (2018), durante os anos de 1950 dois tipos de fardamentos foram adotados para o uso das estudantes. Havia uma farda para o uso diário no Colégio, e outra para ocasiões de festas. Além do mais, outra distinção: as alunas casadas usavam uma farda diferente. Então, entende-se que a disciplina do Colégio se estendia até ao modo de se vestir. O trecho da entrevista a seguir exemplifica o cuidado que Irmã Nirvanda destinava ao seu fardamento. “A saia que ela vestia, parece que estou vendo, saia de prega, quando chegava ela colocava debaixo da cama para não desmanchar nenhuma prega, muita disciplina, sapato com meia”. (MARIA DE FÁTIMA LEITE ROLIM, 10/10/2021). Logo, a preocupação de Irmã Nirvanda com sua farda justifica-se como sendo mais uma das regras disciplinares do Colégio, como pontua o primeiro estatuto da instituição: “Art. 7º- A disciplina abrange os seguintes pontos: [...] 4º correção ao modo de trajar-se e comportar-se”. (ESTATUTO CNSL, 1949, apud, SOUSA, 2018, p. 96). Em outras palavras, as alunas tinham que zelar suas fardas. Irmã Nirvanda, por exemplo, tinha todo o cuidado para que sua farda não ficasse amarrotada.

Como já foi delineado o percurso formativo de Irmã Nirvanda no CNSL, faz-se necessário compreendermos as pedagogias, os princípios norteadores que subsidiavam o ensino e as demais atividades desenvolvidas no Colégio. Nesse ínterim, segundo Araújo (2020), enquanto ciência a Pedagogia preocupa-se com o desenvolvimento educacional. Todavia, a Pedagogia quando concretizada em instituições confessionais apresenta algumas particularidades:

Quando situada no âmbito da educação religiosa assegura a adequação de objetivos e de conteúdos voltados para a formação dos indivíduos numa perspectiva cristã, invariavelmente assentada no Evangelho. Para tanto, os objetivos gerais procuram fortalecer o sentido da abnegação nas práticas cotidianas no ambiente escolar. (ARAÚJO, 2020, p. 128).

Em síntese, a educação quando fundamentada numa perspectiva religiosa, sob direcionamento de congregações religiosas, formula objetivos, metodologias, conteúdos, práticas e atividades diversas visando promover uma formação respaldada em princípios religiosos, e no caso do Colégio em que Irmã Nirvanda estudou, a formação proporcionada às

estudantes derivava dos ensinamentos e princípios de Santa Paula Frassinetti difundidos pela Congregação de Santa Doroteia em vários países.

Além disso, as finalidades da Congregação de Santa Doroteia não eram restritas apenas à formação das mestras normalistas, mas buscavam promover a formação da mulher tornando-a competente para exercer o papel de esposa e mãe, desenvolvendo, através dos conhecimentos aprendidos, o fortalecimento dos ensinamentos católicos em seu lar. (ARAÚJO, 2020). Indiscutivelmente podemos entender a preocupação com a formação da mulher dona de casa, a partir das disciplinas oferecidas no Colégio, por exemplo, as aulas de Trabalhos Manuais e Higiene e Puericultura. Além das disciplinas cursadas, as estudantes tinham uma rotina diária de orações. Ou seja, promoviam a formação de boas esposas prendadas nas habilidades domésticas, bem como capazes de promover uma formação cristã na família.

Do mesmo modo, havia também um olhar atento para as alunas que demonstrassem interesse e vocação para a vida religiosa. A Constituição de 1851 que regia a educação nos Colégios da Congregação de Santa Doroteia, apresentava “[...] tanto o modo particular de conduzir o ensino, como também explicitam os direcionamentos para todos(as) àqueles que demonstrassem aptidão para a vida religiosa”. (ARAÚJO, 2020, p.136). Então, foi nesse cenário formativo que Irmã Nirvanda recebeu todo o incentivo para a sua vocação religiosa.

Importa frisar o significado da palavra vocação que, de modo geral, significa: “Deve ter havido um chamado: de alguém, a alguém, para algo, de uma maneira perceptível” (STEIN, 1999, p.73). No caso de Irmã Nirvanda, de uma forma até então precoce ela foi descobrindo sua vocação: “[...] descobrindo muito cedo, ainda criança, os apelos de Cristo para a vida religiosa”. (JUSP, 1989, p.1). Provavelmente sua vocação e interesse em seguir a vida religiosa, foram notados pelas Irmãs Doroteias do CNSL, e talvez tenham usado todas as estratégias possíveis para auxiliá-la.

Uma das prováveis circunstâncias em que a vocação de Irmã Nirvanda foi notada pelas Irmãs Doroteias pode ter sido através da sua participação nos grupos do Colégio. De acordo com Araújo (2020), no CNSL haviam grupos criados com a finalidade de enaltecer a congregação, bem como preparar as alunas para servir a comunidade através da caridade. Existiam os seguintes grupos: “A pia União das filhas de Maria, O apostolado da Oração, A Cruzada Eucarística, A Juventude Estudantina Católica”. (ARAÚJO, 2020, p.140). A partir do engajamento das alunas nesses grupos, as Irmãs Doroteias do CNSL observavam atentamente aquelas que tinham vocação para ser freira e apoiavam-nas a seguir a vocação, e caso desejasse poderiam seguir a Congregação das Irmãs Doroteias. (ARAÚJO,

2020). Além disso, as alunas também aprendiam a desenvolver atitudes missionárias, através da caridade destinada à comunidade cajazeirense.

Possivelmente Irmã Nirvanda também tenha participado de alguns desses grupos, momento em que sua preparação vocacional começou a ser aprimorada. Coincidentemente, no ano de 1981, Irmã Nirvanda criou um grupo jovem, com finalidades semelhantes aos grupos que existiam no CNSL. O grupo JUSP tinha como missão ajudar as pessoas vulneráveis de Cajazeiras, mas também buscava auxiliar os jovens do grupo na descoberta da vocação profissional ou religiosa.

No dia 12 de outubro de 1983, Irmã Nirvanda professou os votos perpétuos no Convento da Conceição em Olinda-(PE). A fotografia abaixo reporta a esse momento.

Fotografia 6 - Votos Perpétuos



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Leite Rolim (1983).

Na Fotografia 6, vê-se Irmã Nirvanda, acompanhada de familiares e amigos, no momento da sua consagração como freira da Congregação das Irmãs Doroteia. Irmã Nirvanda está de blusa e saia cinzas, acompanhada de sua mãe, Tertulina Bandeira Leite, a sua frente, vestida de branco. Observa-se que Irmã Nirvanda não usava o hábito, a tradicional vestimenta usada por freiras. Fato que pode significar sua adesão à mudança no modo de se vestir das freiras, que iniciou em 1962. A partir do Concílio Vaticano II, entre as mudanças ocasionadas na vida das religiosas, destacam-se: o incentivo à profissionalização das freiras, o ingresso em curso superior, e a substituição do hábito por roupas comuns, uma das mudanças marcantes à época, adotada por algumas congregações religiosas. (NUNES, 2004).

Portanto, evidencia-se que o itinerário formativo de Irmã Nirvanda foi constituído em um colégio confessional, sob administração das Irmãs Doroteias, o CNSL, que nesta época era marcado por rígidas regras disciplinares iniciadas em questões burocráticas e prolongadas até ao modo de se vestir das alunas. No que se refere à formação religiosa, os princípios católicos valorizados pela referida instituição de ensino foram fundamentais para o aprimoramento da sua vocação religiosa, uma vez que no Colégio ela conviveu com as Irmãs

Doroteias, e com os ensinamentos de Santa Paula Frassinetti. Logo, a sua vocação, que desde a tenra idade apresentava os primeiros sinais, foi sendo firmada. Sendo assim, a presença desses aprendizados tornou-se evidente em todos os contextos em que atuou.

6. PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO (EDUCAÇÃO DA FÉ)

A princípio, vale ressaltar que a estada de Irmã Nirvanda no Colégio Nossa Senhora de Lourdes perdurou aproximadamente por duas décadas, pois, além de ex-aluna, posteriormente tornou-se professora do CNSL da disciplina Ensino Religioso.

Durante a entrevista com uma de suas alunas foi questionado o período em que Irmã Nirvanda trabalhou no Colégio. A entrevistada relatou que: “Irmã Nirvanda trabalhou de 1980 a 1992, ano do seu falecimento”. (MARIA DO SOCORRO LOPES SOUSA, 04/12/2021).

Na Figura 6 consta um registro do vínculo empregatício de Irmã Nirvanda com o CNSL.

Figura 6- Documento de vínculo empregatício Pis-Dipis

08 AGÊNCIA RECEPTORA (CAMBIO FUNDIADO CUCI) 00366305/0040-10 TAJARA ECONOMICA FEDERAL FOLHA DA PARALIS RUA CEL. JUVENILDO CARNEIRO, 898 CAJAZEIRAS - PB		09 IDENTIFICAÇÃO DO EMPREGADOR OU TERCIO 01 NOME DA EMPRESA MDCC-COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES 10 ENDEREÇO (RUA E Nº) PRAÇA ANA DE ALBUQUERQUE, 12 11 C.E.F. 58900 12 CIDADE CAJAZEIRAS 13 C.N.A.E. 60.23 14 SIGLA DA UF PB		
1 15 CÓDIGO A11 12162452202		DOCUMENTO DE INSCRIÇÃO NO PIS-DIPIS		16 PARA USO EXCLUSIVO DO SENPIS 19
17 NOME DO EMPREGADO (PARTICIPANTE DO FUNDO) POR EXTENSO NIVANDA LEITE ROLIM				
18 DATA DE NASCIMENTO 16.12.39	19 SEXO M 20 DATA DE ADMISSÃO 13.02.84	21 TIPO DE CONTRATO 01	22 SALÁRIO BÁSICO 200	23 SALÁRIO ADIANTADO 32.410
24 CÉDULA DE IDENTIFICAÇÃO 192.713	25 TIPO DE CONTRATO SSP	26 TÍTULO ELEITORAL 428 388		
27 NÚMERO 5.294	28 C.E.F. DO EMPREGADOR 26363992400	29 PRINCÍPIO LOCAL Cajazeiras	30 LOCAL DE NASCIMENTO Cajazeiras	31 SIGLA DA UF PB
32 PARA USO EXCLUSIVO DO SENPIS	33 NOME DO PAI José Leite Rolim	34 NOME DA MÃE Tertulina Bandeira Leite	35 PARA USO EXCLUSIVO DO SENPIS	

Fonte: Acervo da Tesouraria do CNSL (1984)

A fonte em análise trata-se de um comprovante de cadastramento de empregados no Programa de Integração Social (PIS) em 1984. Pode-se constatar que Irmã Nirvanda já tinha um ano de serviços prestados ao Colégio, ou seja, ela começou a trabalhar na instituição em 1983, último ano da administração das Irmãs Doroteias. No entanto, segundo sua ex-aluna, Irmã Nirvanda começou a trabalhar no Colégio ainda no ano de 1980. É possível que ela tenha realmente começado a trabalhar nesta data, mas oficialmente só passou a ser contabilizado o tempo de serviço no ano de 1983. Esse entrecruzamento com diferentes fontes é salutar, dado que permite esclarecer pontos que podem ter sido esquecidos pela memória, ou não estarem registrados nas fontes oficiais. (ALBERTI, 2008).

Ainda no que se refere à contratação de Irmã Nirvanda como professora no CNSL, importa destacar que elementos da cultura escolar do Colégio podem ser notados. Geralmente as Doroteias contratavam docentes que fossem católicos, o que garantiria o respeito aos princípios da Congregação de Santa Doroteia, (SOUSA, 2018). Além disso: “[...] ser ex-

discente da instituição também se constituiu em um critério para a contratação de profissionais para exercerem o magistério”. (SOUSA, 2018, p.110). Dessa forma, a contratação de Irmã Nirvanda seguiu todos esses critérios, uma vez que ela era católica, membro da Congregação de Santa Doroteia, e foi aluna do CNSL.

Sobre as práticas desenvolvidas por Irmã Nirvanda na turma do Curso Normal (Pedagógico), especificamente na disciplina de Ensino Religioso, o trecho da entrevista a seguir remonta a essas experiências.

Sendo a disciplina de Irmã Nirvanda Ensino Religioso ou “educação da fé” como ela chamava, ela teve a oportunidade de educar à luz da filosofia de sua congregação. Diversas vezes a substitui na turma do pedagógico, e digo por experiência vivida que os conteúdos ministrados eram voltados para temas como justiça, perdão, respeito, relacionamento humano, realização vocacional, profissional, unidade na diversidade. Recordo também que dado o restrito leque de recursos pedagógicos, Irmã Nirvanda se valia de uma vitrola e iniciava suas aulas sempre com canções de padre Zezinho, canções intimistas que penetravam no íntimo dos jovens, e ajudavam a encontrar respostas para suas inquietas perguntas. Outras canções mais catequéticas, mais pastorais como “alô meu Deus” “um certo galileu” “mãe do céu morena” “paz inquieta”. (MARIA JOSÉLIA DE FIGUEIREDO MOREIRA, 08/11/2021).

A colaboradora Maria Josélia de Figueiredo Moreira na época já era professora formada e trabalhava no CNSL, tendo substituído em diversas ocasiões Irmã Nirvanda no Colégio. A partir do questionamento sobre como Irmã Nirvanda trabalhava a disciplina Ensino Religioso, compreende-se que ela privilegiava o ensino de valores humanos e religiosos, acima de tudo alicerçados na religião católica. Outrossim, Irmã Nirvanda denominava essa disciplina de “Educação da Fé”. De fato, no CNSL a disciplina Ensino Religioso assumia o viés doutrinador da religião católica. (SOUSA, 2018). A título de exemplo, os recursos que Irmã Nirvanda utilizava em suas aulas, como as músicas compostas por padres. Além disso, baseava-se no diálogo, testemunho, humildade, justiça, ensinamentos difundidos pela Congregação de Santa Doroteia. (COSTA *et al.*, 2002). Esta disciplina no CNSL possuía a mesma importância das demais disciplinas. (SOUSA, 2018). Assim ao denominar a disciplina de “Educação da Fé”, a professora expressava nitidamente as finalidades que a Congregação de Santa Doroteia determinava para o Ensino Religioso.

A respeito da relação de Irmã Nirvanda com suas alunas, o trecho da entrevista a seguir alude sobre essas vivências.

Ela era professora de ensino religioso. Foi minha professora. Ela era ótima, todo mundo gostava, dinâmica, conselheira, puxava muito na orelha. O aluno que não

gostava de estudar, ela conversava em particular, muito conselheira, por onde passava deixava sua marca. (SEVERINA DE LIMA BERTOLDO, 20/10/2021).

Ao relembrar os momentos vivenciadas com Irmã Nirvanda, sua ex-aluna Severina de Lima Bertoldo destacou o modo como Irmã Nirvanda conduzia sua relação com os educandos. Nesse sentido, nota-se a presença das virtudes fundamentais para as mestras doroteanas difundidas por Santa Paula Frassinetti. A amorosidade e paixão estavam presentes na forma como Irmã Nirvanda conduzia sua atividade docente através da atenção, afeto e sensibilidade que dedicava aos educandos, fazendo com que se sentissem pertencentes àquele contexto. Quando era necessário advertir os educandos, Irmã Nirvanda optava pela discrição e suavidade. Conforme os ensinamentos de Santa Paula Frassinetti, as professoras deveriam advertir os alunos com suavidade, firmeza, prudência, e o ambiente da sala de aula deveria ser democrático e amoroso. (COSTA *et al.*, 2002).

Após as aulas, Irmã Nirvanda era sempre procurada por suas alunas, que queriam ouvir os seus conselhos. Assim revelou a entrevistada Maria Josélia de Figueiredo Moreira:

Eu recordo muito bem vê-la em escuta atenta às alunas que após os expedientes das aulas buscavam orientações as mais variadas, e ela sempre dizia: nós precisamos ouvir os jovens porque são muitas as prisões, são muitas as amarras que eles possuem. Assim era a missão de educar possuída pelo evangelho. (MARIA JOSÉLIA DE FIGUEIREDO MOREIRA, 08/11/2021).

O relato acima demonstra mais um indicativo das virtudes difundidas por Santa Paula Frassinetti e que Irmã Nirvanda seguia. A juventude era também uma das preocupações de Santa Paula Frassinetti, por isso seus ensinamentos deixavam claro que a congregação através de suas ações apostólicas deveria dirigir-se à juventude, afastando-a dos perigos do mundo. (COSTA *et al.*, 2002). “Ainda a esse respeito pode-se concluir que o mandamento máximo de Cristo é também o mandamento máximo para a relação educacional. Amar a todos que de nós se aproximam torna-se prática constante ao educador doroteano”. (COSTA *et al.*, 2002, p. 77). Assim, a professora cumpriu com êxito esses ensinamentos, pois sempre estava disposta a dedicar o seu afeto aos jovens estudantes que a procuravam. Como também era uma prova do amor que as educadoras doroteanas deveriam dedicar aos seus educandos, e Irmã Nirvanda vivenciava esse amor, ouvindo as angústias dos jovens e buscando sempre aconselhá-los.

Outro aspecto destacado por uma ex-aluna é que Irmã Nirvanda também buscava dinamizar as aulas de Ensino Religioso a partir da criação de peças teatrais. O trecho da entrevista a seguir explicita este fato.

Durante todo o ano passamos debruçados sob a vida da madre fundadora, nas turmas éramos divididas em pequenos grupos e o livro Paula Frassinetti, mulher para hoje, escrito por Lubich e Lazzarin, foi minuciosamente estudado e para mais viva ser a experiência apresentávamos no teatro do Colégio as peças teatrais sobre a vida de Paula. Tudo isso era idealizado e coordenado pela nossa professora de Ensino Religioso, Ir. Nirvanda. (MARIA DO SOCORRO LOPES SOUSA, 04/12/2021).

Desse modo, a professora usava diversos recursos em suas aulas para dinamizá-las e de uma forma significativa difundir os ensinamentos da Congregação de Santa Doroteia. Como foi lembrado por sua ex-aluna Maria do Socorro Lopes, a ocasião em que a professora Irmã Nirvanda propôs a sua turma uma dramatização sobre a vida de Santa Paula Frassinetti. Logo, nota-se que: “[...] a cultura escolar em torno do ensino, por algum tempo se constituiu numa perspectiva de que era necessário difundir os ensinamentos da Congregação e do catolicismo”. (SOUSA, 2018, p.147). E a disciplina Ensino Religioso foi uma das privilegiadas para cumprir essa finalidade com mais afinco.

Na Fotografia 7 Irmã Nirvanda está acompanhada de alguns estudantes.

Fotografia 7- Irmã Nirvanda na companhia dos estudantes



Fonte: Acervo pessoal de Maria Josélia de Figueiredo Moreira (1980).

Esta fotografia foi registrada nas dependências CNSL. Irmã Nirvanda usa vestido azul-claro e cabelos curtos, rodeada por jovens alunas e alunos. Na época em que Irmã Nirvanda retornou ao CNSL como professora, uma das mudanças marcantes que ela encontrou no Colégio foi a presença dos meninos, que adentraram como alunos da instituição a partir de 1971. No entanto, a princípio algumas regras tinham que ser cumpridas. Por exemplo: meninos e meninas não podiam brincar juntos. (SOUSA, 2018). Contudo, na fotografia acima podemos observar que os estudantes, meninas e meninos, estão todos juntos, entrosados. Possivelmente ao decorrer dos anos as Irmãs Doroteias foram abrandando a regra que limitava o contato entre os gêneros.

No ano de 1984, Irmã Nirvanda concluiu o curso de História na Universidade Federal da Paraíba, Campus V, na cidade de Cajazeiras. (JUSP, 1989). Isto significa que ela conciliava o seu trabalho no CNSL com a formação acadêmica.

Dado o exposto, compreende-se que Irmã Nirvanda atuou como professora em um Colégio com forte influência dos princípios religiosos católicos, sobretudo a disciplina Ensino Religioso assumiu a função de difundir esses ensinamentos entre os estudantes, e assim a professora o fez, como verificamos nos depoimentos das entrevistadas. Como também sua relação com os educandos comprova a presença das orientações de Santa Paula Frassinetti como guia da sua ação docente. Nas memórias de suas ex-alunas e da professora que a substituiu, Irmã Nirvanda foi lembrada como uma professora conselheira, que advertia com mansidão, e estava sempre disposta a ouvir a juventude, assim como a fundadora da Congregação de Santa Doroteia.

7. JOVENS UNIDOS A SANTA PAULA (JUSP): SOB COORDENAÇÃO DE IRMÃ NIRVANDA LEITE ROLIM

No ano de 1981, Irmã Nirvanda criou o grupo JUSP, que possibilitou o desenvolvimento de diversas atividades assistenciais e formativas, em parceria com esses jovens.

Durante a entrevista com as integrantes deste grupo, elas referiram-se ao contexto em que o grupo foi criado. A componente Mércia Maria Alves dos Santos ressaltou que: “O grupo foi criado por ocasião da canonização da nossa fundadora Santa Paula Frassinetti”. (MÉRCIA MARIA ALVES DOS SANTOS, 30/10/2021). A data de criação do grupo coincide, com a data em que foi atribuído mais um milagre à beata Paula Frassinetti, isto no ano de 1981, e a partir desse momento foi dada continuidade ao processo de canonização. No ano de 1984 ela foi canonizada, e tornou-se Santa Paula Frassinetti. (SENE, 2007). Conforme o que foi ressaltado pela entrevistada, supõe-se que havia todo um engajamento e apreensão à espera deste fato, e em Cajazeiras não foi diferente. Esse acontecimento foi citado nas lembranças da integrante do JUSP, Maria do Socorro Lopes de Souza.

Mergulhamos com alma na preparação da canonização de Paula Frassinetti. Em Cajazeiras estávamos em estado de graça. Foram dias de festivas celebrações, pela primeira vez a imagem grande de Santa Paula Frassinetti saiu da Capela do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, indo para a Matriz de Nossa Senhora de Fátima, onde fizemos o tríduo em preparação ao dia da canonização, e de lá numa linda procissão foi levada para a Catedral Nossa Senhora da Piedade onde houve a belíssima missa no dia da canonização. Foi ainda em festa reconduzida à Capela do Colégio, agora venerada como Santa! (MARIA DO SOCORRO LOPES DE SOUZA, 04/12/2021).

As lembranças da entrevistada relatam as festividades desenvolvidas pelos devotos de Santa Paula Frassinetti em comemoração à canonização. Embora a Congregação de Santa Doroteia não estivesse no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, pois, em 1983 deixara o Colégio, ficando sob a responsabilidade da diocese, essa comemoração foi pertinente, pois, de 1928 a 1983, a congregação fundada esteve presente em solo cajazeirense difundindo seus preceitos através da educação.

A Fotografia 8 representa um registro de Irmã Nirvanda e alguns jovens do grupo JUSP presentes na festividade religiosa, na Catedral Nossa Senhora da Piedade. Observa-se que Irmã Nirvanda está ao centro, acompanhada de algumas jovens do grupo JUSP, e ao fundo vê-se a imagem de Santa Paula Frassinetti que foi trazida da capela do CNSL.

Fotografia 8: Irmã Nirvanda participando da festividade em alusão à canonização de Santa Paula Frassinetti



Fonte: Acervo pessoal de Maria Josélia de Figueiredo Moreira (1984).

Quanto à criação do grupo, compreende-se que o contexto histórico em que nasceu o JUSP corresponde ao período em que foram se tornando mais consistentes as evidências que levaram à canonização da fundadora da Congregação de Santa Doroteia. Assim, Irmã Nirvanda possivelmente acreditou ser importante criar um grupo jovem para solidificar os ensinamentos de Santa Paula Frassinetti na formação da juventude cajazeirense.

Sobre a formação do grupo JUSP buscamos esclarecer com as entrevistadas como conheceram Irmã Nirvanda e em que momento surgiu o convite para ser membro do grupo.

Eu conheci a Irmã Nirvanda através de um convite para participar de uma palestra no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Nós estávamos na calçada da rua, a vizinha que já fazia parte do grupo nos convidou para uma palestra no CNSL, sobre o amor, e nós fomos para a palestra, o nosso grupo de rua. Após a palestra Irmã Nirvanda falou pra gente desse grupo, já tinha iniciado o grupo com poucas pessoas umas cinco pessoas. Aí ela convidou para participar do grupo, disse que tinha esse grupo, **que as reuniões eram nas quartas feiras as sete horas no CNSL, sempre que acontecia as reuniões sempre tinha alguém para falar para os jovens** uma palestra. (MARIA SALETE FERNANDES BEZERRA, 20/10/2021 – grifos nossos).

Ela comentava nas turmas dela que tinha esse grupo e perguntava quem queria participar. E eu fui só para conhecer, eu não gostava muito não, eu disse: vou querer participar desse grupo não. Mas, aí fiquei e gostei. (SEVERINA DE LIMA BERTOLDO, 20/10/2021).

Foi por meio de uma colega. Eu não conhecia Irmã Nirvanda, quando cheguei no local era no CNSL, num salão muito bacana que tinha lá, estavam todos, inclusive a juventude do JUSP, aí fiquei sentei-me lá, de repente veio aquela pessoa me abraçando, falou assim no meu ouvido: seja bem-vinda. Eu conheci, era ela, senti a diferença, um acolhimento de mãe. (MARIA DO SOCORRO MENDES LOPES 20/10/2021).

Na verdade, eu comecei a participar do grupo JUSP por meio de um convite de uma das componentes no ano de 1985. Quando chego lá nessa reunião desse grupo jovem, tinha como coordenadora desse grupo jovem a nossa querida Irmã Nirvanda Leite Rolim. (MARIA DE FÁTIMA BEZERRA OLIVEIRA, 08/11/2021).

Conheci Irmã Nirvanda no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, quando eu estudava no mesmo, no ano de 1983, e a mesma lecionava aula de Ensino religioso. Fui convidada por amigas do Colégio e, claro, já admirava bastante a Irmã Nirvanda. (MERCIA MARIA ALVES DOS SANTOS, 30/10/2021).

As lembranças das integrantes do JUSP revelam que algumas passaram a integrar o grupo a partir do convite daqueles que já faziam parte dele. Outras foram convidadas pela própria Irmã Nirvanda, uma vez que esta era professora de Ensino Religioso, e durante as aulas convidava os estudantes para participarem do JUSP. Foi lembrado no relato de Maria Salete Fernandes Bezerra, que as reuniões aconteciam no CNSL, nas quartas-feiras às sete horas. Nessas reuniões Irmã Nirvanda sempre convidava palestrantes para desenvolver formações para os jovens.

Após a formação do grupo JUSP, com um número significativo de participantes, Irmã Nirvanda, começou a desenvolver com esses jovens trabalhos sociais nos bairros pobres da cidade de Cajazeiras-PB. Como podemos constatar a partir das memórias das componentes do grupo.

Quando o grupo já estava formado todo mundo já participando, aí Irmã Nirvanda começou a apresentar atividades para a gente, atividades sociais. A gente foi realizar um trabalho social porque não teria sentido apenas se encontrar para conversar, para cantar, ouvir palestras, escutar as histórias dela. Mas a gente tinha que ter um trabalho social. Foi quando ela começou a colocar a gente para desenvolver trabalhos nos bairros, nos hospitais, cadeias, catequese. (MARIA SALETE FERNANDES BEZERRA, 20/10/2021).

Desse modo, sendo a formação religiosa e educacional de Irmã Nirvanda orientada pelos valores da Congregação de Santa Doroteia, percebe-se a presença desses valores também nos trabalhos que ela desenvolvia com o JUSP. Ao inserir os jovens em contextos de vulnerabilidade social, está orientada pelos ensinamentos de Santa Paula Frassinetti, os quais instituíam que a educação cristã deveria difundir valores humanos, como a justiça, despertando na juventude consciência social e fraternidade. Nesse sentido: “A visão da realidade, com suas dificuldades e armadilhas, é proporcionada pela reflexão e pela adoção de práticas que permitam uso adequado do tempo em ações benéficas”. (COSTA *et al.*, 2002, p. 56). Ao aproximar a juventude do JUSP dos contextos de desigualdades sociais, Irmã Nirvanda buscou ensinar-lhes que, ciente das desigualdades sociais, a juventude poderia lutar por uma sociedade mais justa para todos.

Foram muitas as ações que o grupo JUSP desenvolveu na cidade de Cajazeiras, dentre as quais os integrantes entrevistados destacaram: trabalho voluntário em uma escola, programa de rádio, coral.

Ao se debruçar sobre as memórias precisamos compreender que estão envoltas de algumas especificidades. Entre essas, Bosi (2003, p. 20) afirma que: “[...] a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”. A propósito, sobre o trabalho desenvolvido na escola, as depoentes narraram os fatos que ficaram cristalizados em suas memórias.

Então, a gente se voltou para a estrada de Jatobá (bairro São Francisco) que era um dos bairros mais carentes, lá havia muitas crianças que necessitavam de escola. Ela conseguiu alugar uma casa pequena e começamos a ensinar àquelas crianças do bairro. Os componentes do grupo iam para ensinar, eram pessoas que estavam fazendo o pedagógico (alunos do Colégio Nossa Senhora de Lourdes) que através de bolsas conseguiam estudar no Colégio. Tínhamos um certo conhecimento na parte educacional e começamos como professoras. Depois a casa que ela alugou já não cabia mais, partimos para uma casa maior. E crescendo o número de crianças à procura. Era um bairro de muitas necessidades, a questão da droga já estava começando, a prostituição. A Irmã Nirvanda começou exigir de Dr. Epitácio uma escola para o bairro e ficamos pedindo a Dr. Epitácio uma escola, e ela principalmente como irmã dele. Então, ele conseguiu o terreno para a construção da escola e a escola seria (Santa Paula) que era nossa fundadora. Mas, a família que doou o terreno não aceitou, queria que ficasse o nome da matriarca da família que era Maria Guimarães Coelho. Então a partir daí criou-se a escola. (MARIA SALETE FERNANDES BEZERRA, 20/10/2021).

Trabalhei na escola com crianças pobres na estrada de Jatobá (bairro São Francisco), foi uma experiência bem interessante e de muito aprendizado. Pois, na escola trabalhava com as crianças bem pobres, crianças que tantas vezes chegavam só porque tinha uma merenda. Mas foi um tempo muito gratificante para minha vida tanto vocacional quanto profissional. (MERCIA MARIA ALVES DOS SANTOS, 30/10/2021).

A partir dessas narrativas, verifica-se que durante os trabalhos desenvolvidos no bairro São Francisco na cidade de Cajazeiras em meados dos anos de 1980, juntamente com o JUSP, Irmã Nirvanda identificou a urgência de uma escola naquele bairro caracterizado por muitas vulnerabilidades sociais, como pobreza, violência, drogas, prostituição. Na época, o prefeito da cidade de Cajazeiras era Epitácio Leite Rolim, irmão de Irmã Nirvanda, aspecto que possivelmente facilitou o atendimento à reivindicação. No ano de 1990 foi criada a escola E.M.E.I.E.F Maria Guimarães Coelho. A denominação da escola não seguiu o que foi sugerido pelo JUSP, porque o grupo queria como patronesse Santa Paula Frassinetti. No entanto, a reivindicação principal do JUSP foi atendida, pois o bairro ganhava uma escola.

Na escola improvisada por Irmã Nirvanda, alguns jovens do JUSP eram os professores, e de certa forma tinham uma experiência com a educação, pois cursavam o pedagógico no CNSL. Alguns dos componentes do JUSP estudavam no CNSL através de bolsas; o referido Colégio era privado, mas concedia bolsas de estudos. (SOUSA, 2018). O depoimento de Maria Mércia Alves dos Santos evidenciou a situação vulnerável em que viviam aquelas crianças, pois muitos vinham para a escola somente para se alimentarem.

Em alguns momentos, quando se privilegia a fonte oral “[...] a narrativa do entrevistado vai além do caso particular, e oferece uma chave para a compreensão da realidade”. (ALBERTI, 2008, p. 186). Nos depoimentos em análise, as entrevistadas reconstituíram um contexto em que as desigualdades sociais eram maiores que agora, sobretudo na educação eram poucas as escolas, e não existiam programas assistenciais destinados às crianças e à juventude. Somente a partir da Constituição Federal de 1988, as crianças e os jovens passaram a ser prioridade do Estado. (PASSETTI, 2010). A criação de programas assistenciais, infelizmente, não aboliu as desigualdades sociais, mas garantiu alimentação, higiene e escolas para muitas crianças brasileiras.

Ainda sobre as atividades que Irmã Nirvanda realizava com o JUSP, vale ressaltar que o grupo tinha uma participação em um programa da rádio Alto Piranhas. Sobre esse fato os depoentes destacaram algumas recordações.

Irmã Nirvanda tinha uma participação efetiva em um programa da rádio Alto Piranhas quando era da diocese. Após ser vendida, firmou um pacto de estabelecer 30 minutos diários destinado à diocese de Cajazeiras, e que esse tempo era dividido com Monsenhor Luís Gualberto de Andrade, era dividido com Padre Cleides Claudino, a Irmã Nirvanda também tinha uma participação nesse programa de rádio. E ela nos ensinava, aos jovens do grupo, a participar com ela desse programa de rádio. (SALES FERNANDES, 20/10/2021).

Eu e a professora Josélia muitas vezes substituímos a Irmã Nirvanda nos programas radiofônicos da rádio Alto Piranhas. Nossa participação no programa era mais uma parte da formação para os jovens, questões de permanecer firmes na fé, não desanimar por maiores que fossem as dificuldades, perseverar no trabalho, na missão. Por exemplo, se você estava na sala de, ela orientava que deveria permanecer, e assim por diante, direcionada de uma forma muito especial para a juventude. (MARIA DE FÁTIMA BEZERRA OLIVEIRA, 08/11/2021).

Pelos depoimentos em análise, constata-se que Irmã Nirvanda e alguns membros do JUSP participavam do programa de rádio, que era dividido com alguns religiosos da diocese de Cajazeiras. Foi citado nos depoimentos que o programa era também direcionado à juventude. As afirmações feitas evidenciaram que Irmã Nirvanda aproveitava todas as ocasiões para promover a formação da juventude. Conforme aconselhava Santa Paula Frassinetti: “Salvar uma alma só é muito pouco! Só o seu grupo de alunas, uma divisão e

mesmo um colégio inteiro não lhe basta. A Doroteia apóstola está sempre aberta [...] ansiosa de novos horizontes [...]”. (DUTRA, 1937, p. 24 apud ARAÚJO, 2002, p. 24). Afirmamos, assim, que Irmã Nirvanda era um modelo da Doroteia apóstola, pois, ela encontrou diversos meios de expandir os ensinamentos de Santa Paula Frassinetti. Queria que suas orientações e conselhos para a juventude ultrapassassem o cotidiano das suas aulas no CNSL, como também do JUSP. O rádio foi a única tecnologia da época que intermediou a comunicação com outros jovens cajazeirenses.

Irmã Nirvanda foi lembrada por alguns entrevistados como a responsável por ajudá-los a encontrar suas vocações.

Ela nos ensinava aos jovens do JUSP a participar com ela desse programa de rádio. Aí ela percebeu em mim a vocação para a área de comunicação social (Radialismo, Jornalismo) e foi responsável pela minha vinda para estudar em João Pessoa. Na época eu saí de Cajazeiras para estudar em João Pessoa, fui abrigado na casa de uma família. Vim para João Pessoa e aqui me formei. Já são 30 anos só no rádio, porque eu comecei em Cajazeiras, ainda sem ser formado na área, por incentivo da própria Irmã Nirvanda (SALES FERNANDES, 20/10/2021)

Irmã Nirvanda se tornou, ao longo da caminhada, a minha promotora vocacional, aquela que ajudou a caminhar e tomar a decisão de ser uma religiosa, consagrada, na Congregação das Irmãs de Santa Doroteia. (MÉRCIA MARIA ALVES DOS SANTOS, 30/10/2021).

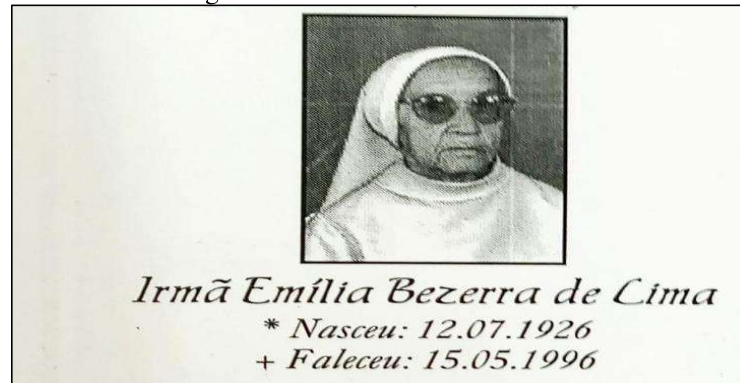
As Irmãs Nirvanda e Emília foram Paulas vivas na minha vida, o testemunho delas, essas mulheres apóstolas apaixonadas por Jesus Cristo e por sua missão foram verdadeiros trampolins para que também eu deixasse a minha casa, minha terra e minha gente para ser Doroteia, filha de Paula, consagrada a Jesus de Nazaré num permanente desejo de estar a serviço do Povo de Deus. (MARIA SOCORRO LOPES SOUZA, 04/12/2021).

Mais uma vez é notória a fidelidade de Irmã Nirvanda aos ensinamentos de Santa Paula Frassinetti. A fundadora da Congregação de Santa Doroteia afirmava que a coragem era indispensável para as educadoras, pois, estava sob suas responsabilidades evidenciar “[...] a capacidade do educando, ou seja, despertando-o para o desenvolvimento de suas competências e percepção do valor de cada um”. (ARAÚJO, 2021, p.131). Assim, a partir dos relatos, percebemos que Irmã Nirvanda auxiliava os jovens do JUSP como também suas alunas a decidirem sua vocação. No depoimento de Sales Fernandes, ele afirmou que as experiências do JUSP foram fundamentais na sua escolha por sua formação em comunicação social, e há trinta anos trabalha como radialista. As colaboradoras Maria Mércia Alves dos Santos e Maria Socorro Lopes Sousa, ambas ex-alunas de Irmã Nirvanda no CNSL e integrantes do JUSP, destacaram que Irmã Nirvanda auxiliou na decisão delas seguirem a vida religiosa, tornando-se freiras da Congregação de Santa Doroteia. Então, seguindo as

orientações da fundadora da Congregação de Santa Doroteia, Irmã Nirvanda, incentivava os jovens a conquistarem uma profissão, não apenas vocações religiosas, mas em diversas áreas.

Outrossim, no depoimento de Maria Socorro Lopes Sousa ela citou Ir. Emília, que, assim como Irmã Nirvanda, era freira Doroteia e participava do grupo JUSP. Na Figura 7 tem-se uma imagem da Ir. Emília Bezerra de Lima.

Figura 7 - Ir. Emília Bezerra de Lima



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Bezerra Oliveira (1996).

As histórias dessas duas mulheres são semelhantes pelo fato de terem retornado para Cajazeiras enquanto estavam em formação no Convento da Conceição em Olinda-PE. Irmã Nirvanda e Irmã Emília conseguiram autorização para uma formação especial, porque necessitavam voltar para a cidade natal a fim de cuidarem de suas respectivas mães. Conforme foi relatado pela entrevistada:

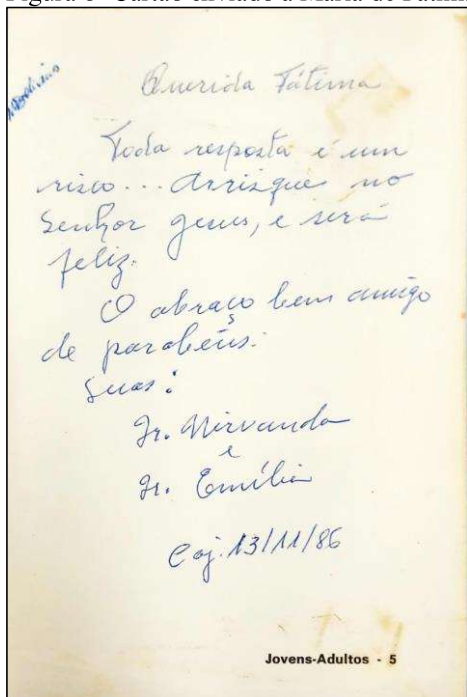
Irmã Nirvanda, e Irmã Emília, também filha de Cajazeiras, receberam da Congregação uma licença para retornarem a Cajazeiras com a missão de cuidar de suas mães, já em idades avançadas e saúdes frágeis. (MARIA DO SOCORRO LOPES SOUZA, 04/12/2021).

Ao analisar o depoimento tendo em vista o que foi recordado, é possível esclarecer possíveis dúvidas sobre o fato dessas mulheres na época estarem ainda em formação e, ao mesmo tempo residindo em Cajazeiras, desenvolvendo diversas atividades. Quando acionamos as fontes orais temos que entender que estas: “caminham em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa. (BOSI, 2003, p. 20). Trilhando essas curvas e desvios pode-se trazer à tona outros esclarecimentos. Como a informação de que o grupo JUSP foi criado como sendo parte da formação religiosa dessas mulheres. Na fala da componente do JUSP, isso foi lembrado: “Irmã Nirvanda sentiu a necessidade de fazer um trabalho ligado à congregação um trabalho social, ela queria continuar na missão dela como

religiosa”. (MARIA SALETE FERNANDES BEZERRA, 20/10/2021). Então, ao criar o grupo JUSP, Irmã Nirvanda, e Ir. Emília deram continuidade a sua formação religiosa fora do convento, dedicando-se aos pobres e à juventude cajazeirense.

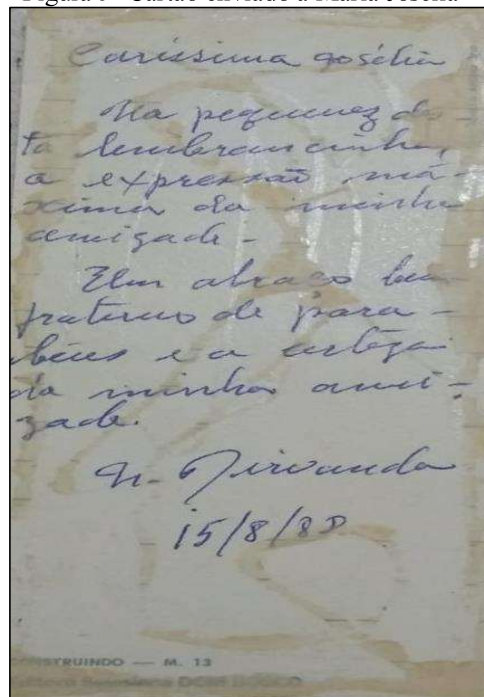
Algumas entrevistadas disponibilizaram cartões e bilhetes que receberam de Irmã Nirvanda e de Ir. Emília. Nas figuras abaixo têm-se alguns registros.

Figura 8- Cartão enviado à Maria de Fátima



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Bezerra Oliveira (1986).

Figura 9- Cartão enviado à Maria Josélia



Fonte: Acervo pessoal de Maria Josélia de Figueiredo Moreira (1988).

Figura 10- Bilhete enviado a Maria Josélia

Joselin

Gostaria que você fosse, se possível, a reunião do Grupo, fazer com ela, a pauta da reunião de hoje.

Infelizmente, não estou em condições de sair hoje, a gripe me castigou, e bateu-me na cama.

Seria bom fazer a reunião na sala, facilita a comunicação no grupo, além de outras conveniências...

Assumam a reunião. aqui fico rezando para que tudo seja bem.

Um abraço
Nirvanda

Fonte: Acervo pessoal de Maria Josélia de Figueiredo Moreira (1984).

Nas Figuras 8 e 9 constam cartões oferecidos por Irmã Nirvanda e Ir. Emília, e na Figura 10, um bilhete. Ao ter acesso a essas fontes, é preciso entender as peculiaridades existentes. Nessa perspectiva de análise, segundo Malatian (2009, p. 220): “Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas [...]”. Nesse sentido, nessas migalhas de conversas nota-se nos cartões das figuras 8 e 9 que essas missivas se referem a tempos significativos, são felicitações em alusão ao aniversário das integrantes do JUSP.

Vemos na Figura 10 um bilhete oferecido à componente do JUSP, Maria Josélia de Figueiredo Moreira, em que Irmã Nirvanda solicita à integrante do grupo que conduza a reunião do JUSP, pois ela não poderia participar por motivos de saúde. Na ocasião a que se refere o bilhete, é possível compreender a atenção que Irmã Nirvanda dedicava ao JUSP: mesmo ausente, preocupava-se em manter a reunião.

Ainda no que tange às fontes disponibilizadas pelas entrevistadas, nas figuras 11 e 12 têm-se listas elaboradas por Maria de Fátima Bezerra de Oliveira, com os nomes dos componentes do JUSP.

Figura 11- Lista dos nomes dos integrantes do JUSP

RELAÇÃO NOMINAL DOS COMPONENTES DO JUSP JUVENTUDE UNIDA A SANTA PAULA	
01	Adriana Sidralle
02	Alaine
03	Alfredo
04	Ana Cláudia
05	Amélia
06	Anísia
07	Arlete
08	Bertinho
09	Carmem
10	Chiquinho
11	Cícero
12	Cilene
13	Consuelo
14	Daguisa
15	Daurval
16	Eliane
17	Eliete
18	Elizabeth
19	Eunice
20	Fanca
21	Fátima Bezerra
22	Francilma
23	Geraldo (tocador)
24	Giovanni
25	Helena
26	Ir. Luiza
27	Irisdene
28	Ivonete
29	Jeanne
30	Joab
31	Joana Dark
32	João Paulo
33	Joaquim
34	José Carlos
35	Josélia
36	Jucicleide

Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Bezerra Oliveira (1997).

Figura 12- Continuação da lista dos nomes dos integrantes do JUSP

37	Jucimério
38	Juraci
39	Lourdinha
40	Lúcia Francinete
41	Lúcia Laurentino
42	Luciméria
43	Luzineide
44	Magdalla
45	Márcio
46	Maria do Carmo
47	Maria José
48	Márlis
49	Mércia
50	Naldinho
51	Nosângela
52	Nosângela
53	Regina
54	Rejane
55	Reudimacir
56	Ricardo
57	Rita
58	Roberto
59	Rosa
60	Sales
61	Salette
62	Sandra
63	Sebastião
64	Severino
65	Socorro Lopes
66	Socorro Mendes
67	Soraia
68	Sueli
69	Suênia
70	Umberto Pinheiro
71	Valdina
72	Vandinha
73	Vanice
74	Zefinha Vieira
75	

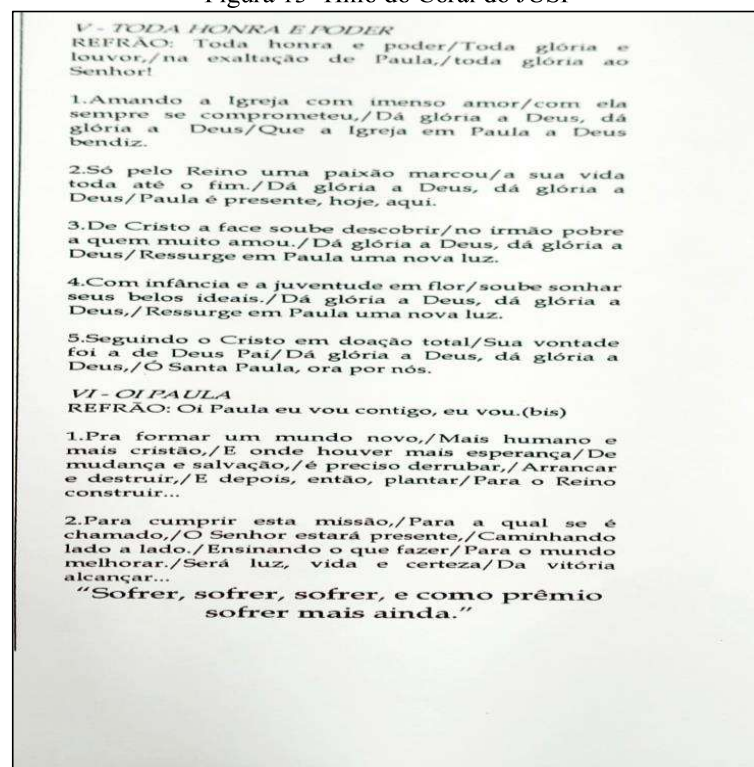
Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Bezerra Oliveira (1997).

Ao entrecruzar diferentes fontes constatamos que realmente o JUSP era um grupo grande, pois nas figuras acima foram listados 74 nomes. Nas lembranças de uma das integrantes do grupo, ela se referiu a isto: “Teve uma época que o grupo tinha mais de 70 componentes. A gente começou numa sala pequena onde ela desenvolvia as atividades dela. Depois fomos para o pátio porque já não tinha espaço”. (MARIA SALETE FERNANDES, 20/10/2021.). À medida que mais jovens chegavam ao grupo, Irmã Nirvanda conduzia os encontros em diferentes espaços do CNSL.

Quando se trata das memórias, segundo Bosi (2003, p.18): “Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento”. Ao fazer o entrecruzamento de diferentes fontes, observamos o quanto foi marcante para os integrantes do JUSP ter participado deste grupo. Muitas lembranças preservadas ultrapassam as dimensões da memória, pois observamos que foram conservados muitos outros registros dos momentos vivenciados no grupo.

Entre os registros que as componentes do JUSP preservaram tem-se na Figura 13 o hino cantado no coral do grupo.

Figura 13- Hino do Coral do JUSP



Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Bezerra Oliveira (1985).

A letra do Hino cantado no coral do JUSP remonta à trajetória de Santa Paula Frassinetti, evidenciando seu compromisso com a igreja, com os pobres e a juventude. A fonte preservada por Maria de Fátima Bezerra Oliveira tem um significado especial.

Conforme foi lembrado: “Eu como uma das cantoras, no coral era minha participação maior. Éramos convidados para cantar em casamentos, colação de grau, primeira eucaristia”. (MARIA DE FÁTIMA BEZERRA OLIVEIRA,08/11/2021). A entrevistada destaca que sua participação maior era no coral, logo, compreende-se o zelo com que esta conservou o hino que costumava cantar nas diversas celebrações para as quais o grupo era convidado.

A Fotografia 9 registra Irmã Nirvanda com os membros do JUSP.

Fotografia 9- Irmã Nirvanda acompanhada do grupo JUSP



Fonte: Acervo pessoal de Maria Josélia de Figueiredo Moreira (1985).

Na fotografia acima, registrada no interior do CNSL, Irmã Nirvanda está acompanhada do grupo JUSP. Vê-se ao centro o retrato de Santa Paula Frassinetti, fato recorrente nas demais fotografias do grupo JUSP reunido, analisadas neste estudo. Sendo assim, entende-se que o fato da imagem da fundadora da Congregação de Santa Doroteia estar presente expressa a ideia de que os ensinamentos desta conduziam as ações desenvolvidas no JUSP.

Portanto, o JUSP foi fundado por iniciativa de Irmã Nirvanda, aliado a sua formação, na época em andamento. Além de ser um grupo destinado a praticar a caridade, neste espaço, Irmã Nirvanda, fiel aos ensinamentos de Santa Paula Frassinetti, consolidou ações que atenderam as necessidades dos pobres e da juventude.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo sobre a vida da freira e professora cajazeirense Irmã Nirvanda Leite Rolim, investiguei não somente as ações realizadas por ela, mas também procurei compreender os contextos que marcaram sua trajetória.

Sendo a Irmã Nirvanda Leite Rolim filha de pais abastados pôde estudar em um dos Colégios mais conceituados da sua época. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes foi parte de sua trajetória educacional, como também de sua formação religiosa. Nesta instituição conviveu com as Irmãs da Congregação de Santa Doroteia e foi educada sob os ensinamentos desta congregação religiosa. Logo, constatei a presença desses ensinamentos em sua atuação como professora, bem como nos trabalhos desenvolvidos no grupo Jovens Unidos a Santa Paula (JUSP). Assim, ao abordar sobre a vida deste, inevitavelmente percebi marcas da cultura escolar do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, dado que se refletiu em seu percurso enquanto aluna da instituição e, posteriormente, como professora de Ensino Religioso do colégio mencionado.

O recorte temporal definido neste estudo considerou o período em que Irmã Nirvanda iniciou a sua formação como aluna do CNSL, no ano de 1953, até a data do seu falecimento no ano de 1992, pois até esse período ela trabalhou como professora no CNSL e ainda coordenava o JUSP.

Em relação às fontes que constituíram este trabalho, considerei as fontes orais como eixos principais. No entanto, também foi possível fazer entrecruzamentos com outras fontes. Através da Nova História Cultural tornou-se possível ampliar o arcabouço de fontes, e assim oportunizando uma escrita da História da Educação diferenciada, trazendo à tona o legado de sujeitos que nem sempre tiveram visibilidade na História da Educação. Outrossim, por meio da Nova História Cultural ficou óbvio que a História estará sempre suscetível às novas versões e continuidades. A exemplo, Sousa (2018) e Araújo (2020) pesquisaram sobre o CNSL, e neste estudo tratei do legado da Irmã Nirvanda que foi aluna e professora deste colégio, e as teses das autoras citadas foram referenciais fundamentais nesta pesquisa.

Portanto, neste estudo evidenciei o legado da freira e professora Irmã Nirvanda Leite Rolim, destaquei sua formação educacional, sua atuação como professora de Ensino Religioso e como coordenadora do JUSP. Importa destacar que ao desvelar a história das mulheres não pretendemos uma reparação, mas buscamos compreensões para as ações desenvolvidas por elas. (PERROT, 2019). Tendo como embasamento as fontes orais e fontes documentais, verifiquei a presença de rigorosas regras disciplinares no CNSL, instituição onde Irmã

Nirvanda estudou durante os anos de 1953 a 1960. Essas normas envolviam questões burocráticas, se prolongavam aos uniformes das alunas, e foram seguidas devotadamente por Irmã Nirvanda. Nos relatos que revelaram momentos da atuação de Irmã Nirvanda como professora, identifiquei que os ensinamentos da Congregação de Santa Doroteia guiaram o seu trabalho docente. A vida de Santa Paula Frassinetti e os valores católicos eram temáticas recorrentes nas aulas de Ensino Religioso. A respeito do JUSP, a partir dos testemunhos dos membros do grupo, constatei o seu compromisso com a juventude e com os pobres, conforme orientava Santa Paula Frassinetti. Assim, as singularidades da trajetória desta professora revelaram marcas de uma época, de um cenário educativo com forte presença dos valores religiosos católicos que foram evidentes em sua atuação como professora e em suas ações como religiosa.

REFERÊNCIAS

A UNIÃO. Jornal. Especial Cajazeiras. João Pessoa, 22 de Agosto de 2009.

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As memórias e a História da Educação: aproximações teórico-metodológicas. **História da Educação, ASPHE/FAE/UFPel**, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 211-243, jan./abr. 2009.

ARAÚJO, Edinaura Almeida de. **Trajetória histórica do Colégio Nossa Senhora de Lourdes-Cajazeiras-PB (1928-1961)**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

COSTA, Flávia Fernanda; OLIVEIRA, Karen Wolff de; CAMPANA, Luciane dos Reis; SIMON, Marinice Sousa. **Um olhar sobre a educação... de Paula Frassinetti a Paulo Freire**. Porto Alegre: Sales editora, 2002.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: Editora Pedagógica e Universitária, 2018.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. **Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida**. Fortaleza: EdUECE, 2021.

MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

NUNES, Maria José F. Rosado. Freiras no Brasil. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

PASSETI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. *In*: DEL PRIORE, Mari. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SANTIAGO, Stella Marcia de Moraes. Conversando sobre narrativas biográficas: alguns apontamentos. *In*: MACHADO, Charliton José Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). **Exercício da Escrita (auto) biográfica**. Fortaleza: EdUECE, 2019.

SENE, Luciana de Oliveira. **O projeto educativo de Paula Frassinetti**: das instituições pedagógicas ao currículo das escolas Doroteias. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2007.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

SOUSA, Débia Suênia da Silva. **Colégio Nossa Senhora de Lourdes**: culturas escolares em Cajazeiras-PB (1949-1983). 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SOUSA, Débia Suênia da Silva; CARTAXO, Flavia Moraes; FERREIRA, Dagmar Alaíde de Lira. A memória feminina presente nas fachadas das escolas municipais de Cajazeiras-PB (1969-1999). **Revista Humanidades e Educação**, Imperatriz, n.3, p.28-42, jul./dez. 2020.

SOUSA, Jane Bezerra. De mestre-escola a professora pública: A história de vida de Maria Pureza Cardoso Araújo (1920-2013). **Revista HISTEDBR online**, Campinas, n.67, p.93-103, mar. 2016.

STEIN, Edith. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução: Alfred J. Keller. Bauru: Edusc, 1999.

JUSP. **Tudo na vida tem uma história**. Cajazeiras, 1989.

XAVIER, Antonio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (org.). **História, Memória e Educação**: aspectos conceituais e teórico- epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018.

Entrevistas

BERTOLDO, Severina de Lima. Aluna de Irmã Nirvanda/membro do JUSP, **Escola Dom Moisés Coelho**, Cajazeiras 20 de out. 2021. [Entrevista cedida a] Flavia Moraes Cartaxo.

BEZERRA, Maria Salete Fernandes. Membro do JUSP, **Escola Dom Moisés Coelho**, Cajazeiras 20 de out. 2021. [Entrevista cedida a] Flavia Moraes Cartaxo.

FERNANDES, Sales. Membro do JUSP, **via WhatsApp**, Cajazeiras 20 de out. 2021. [Entrevista cedida a] Flavia Moraes Cartaxo.

LOPES, Maria do Socorro Mendes. Membro do JUSP, **Escola Dom Moisés Coelho**, Cajazeiras 20 de out. 2021. [Entrevista cedida a] Flavia Moraes Cartaxo.

MOREIRA, Maria Josélia de Figueiredo. Membro do JUSP, **via WhatsApp**, Cajazeiras 08 de nov. 2021. [Entrevista cedida a] Flavia Moraes Cartaxo.

OLIVEIRA, Maria de Fátima Bezerra de. Membro do JUSP, **FAFIC**, Cajazeiras 08 de nov. 2021. [Entrevista cedida a] Flavia Moraes Cartaxo.

ROLIM, Maria de Fátima Leite. Sobrinha de Irmã Nirvanda, **Escola Dom Moisés Coelho**, Cajazeiras 20 de out.2021. [Entrevista cedida a] Flavia Moraes Cartaxo.

SANTOS, Mércia Maria Alves dos. Aluna de Irmã Nirvanda/membro do JUSP, **via WhatsApp**, Cajazeiras 30 out. 2021. [Entrevista cedida a] Flavia Moraes Cartaxo.

SOUSA, Maria do Socorro Lopes. Aluna de Irmã Nirvanda/membro do JUSP, **via WhatsApp**, Cajazeiras 04 dez. 2021. [Entrevista cedida a] Flavia Moraes Cartaxo.